



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS - IL

CURSO DE LETRAS — TRADUÇÃO FRANCÊS

MARÍLIA GOMES COELHO

**PALAVRAS QUE RESISTEM AO ESQUECIMENTO: Tradução e reflexão sobre o
diário de Annie Ernaux em *Je ne suis pas sortie de ma nuit***

Brasília, Distrito Federal

2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
CURSO DE LETRAS — TRADUÇÃO FRANCÊS

MARÍLIA GOMES COELHO

PALAVRAS QUE RESISTEM AO ESQUECIMENTO: Tradução e reflexão sobre o diário de Annie Ernaux em *Je ne suis pas sortie de ma nuit*.

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do curso Letras — Tradução/Francês.

Orientador: Prof.º Dr. Eclair Antônio Almeida Filho.

Brasília, Distrito Federal

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à minha família, pelo amor incondicional, pelo apoio constante e pela força que me sustentou nos momentos mais difíceis. Agradeço especialmente à minha irmã, Mayara, à minha cunhada Auri e à Rose, amiga de coração e de convivência, que juntas formam a minha família. Uma família que me acolheu em Brasília e me deu suporte para que eu pudesse estudar e seguir com meus sonhos. Também agradeço à minha tia Iêda e à minha mãe, por cada conselho, cada palavra de incentivo e apoio nos momentos em que eu mais precisei. Sou profundamente grata por ter mulheres tão fortes e generosas ao meu redor.

Agradeço também aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos e acreditaram em mim, oferecendo apoio, companheirismo e força nos momentos de dúvida e desafio.

Ao professor Eclair, que me orientou e que me guiou com paciência, deixo meu sincero reconhecimento. Agradeço também a todos os professores e professoras que tive ao longo da graduação: suas aulas, provocações e ensinamentos deixaram marcas profundas na minha formação acadêmica e humana.

À Universidade de Brasília, expresso minha gratidão por ser espaço de conhecimento, de descoberta e também de enfrentamento. Agradeço, inclusive, as dificuldades, elas me ensinaram a continuar.

In memoriam — dedico este trabalho às minhas tias Rosa e Raimundinha, das quais sinto muita saudade e que guardo com carinho no coração. Aos meus dois avôs, ambos chamados José, mas em especial à memória de José da Costa Firmo, meu avô materno, que também conviveu com o Alzheimer — a mesma doença que assombra as páginas de *Je ne suis pas sortie de ma nuit*. Por mais que tenha sido um homem da roça, com pouca instrução formal, que jamais ouviu falar de Annie Ernaux ou soube pronunciar uma palavra em francês, foi ele a principal inspiração para este trabalho. A ele dedico este TCC, com amor, saudade e respeito profundo.

Também dedico ao meu querido gatinho Nego Ney, que esteve ao meu lado durante todos os anos da graduação. Com ele dividi os silêncios, as madrugadas, a ansiedade e os momentos de acolhimento silencioso. Infelizmente ele não pôde estar comigo até o fim. Este trabalho é também para ele, que foi presença, companhia e amor incondicional.

A todos vocês: obrigada por fazerem parte da minha história.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de tradução parcial da obra *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997), da escritora francesa Annie Ernaux, ainda inédita no Brasil. A partir da experiência autobiográfica da autora diante do adoecimento da mãe por Alzheimer, a tradução se configura como um espaço de elaboração da dor, da memória e da perda. A tradução buscou preservar o impacto emocional e a densidade estilística da obra original, discutindo os desafios éticos, políticos e linguísticos implicados na transposição de um texto tão pessoal e fragmentado. A fundamentação teórica se apoia em Antoine Berman, Rosemary Arrojo e Philippe Lejeune, articulando reflexões sobre equivalência, adequação e o papel do tradutor como mediador cultural.

Palavras-chave: Tradução literária; Annie Ernaux; Alzheimer; Escrita de si.

RESUMÉ

Ce travail présente une proposition de traduction partielle de l'ouvrage *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997) de l'écrivaine française Annie Ernaux, encore inédit au Brésil. À partir de l'expérience autobiographique de l'auteure face à la maladie d'Alzheimer de sa mère, cette traduction se configure comme un espace d'élaboration de la douleur, de la mémoire et de la perte. La traduction a cherché à préserver l'impact émotionnel et la densité stylistique de l'original, en discutant les défis éthiques, politiques et linguistiques impliqués dans la transposition d'un texte aussi personnel et fragmenté. La réflexion théorique s'appuie sur Antoine Berman, Rosemary Arrojo et Philippe Lejeune, articulant des considérations sur l'équivalence, l'adéquation et le rôle du traducteur en tant que médiateur culturel.

Mots-clés : Traduction littéraire ; Annie Ernaux ; Alzheimer ; Écriture de soi.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Título da obra.....	28
QUADRO 2 - Existência dupla.....	29
QUADRO 3 - A infantilização.....	30
QUADRO 4 - Carga histórica negativa.....	31
QUADRO 5 - Buchenwald.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 — Memória, escrita e identidade: Um olhar sobre Annie Ernaux.....	11
1.1 Sobre a autora.....	11
1.2 Sobre a obra Je ne suis pas sortie de ma nuit.....	13
1.3 O Diário Íntimo e Autobiografia.....	14
CAPÍTULO 2 — A tradução do diário íntimo como ato de mediação e reconstrução.....	19
2.1 Equivalência e adequação.....	20
2.2 O papel do tradutor: Mediador cultural e linguístico.....	22
2.3 Tradução como gesto ético e político.....	24
CAPÍTULO 3 — A tradução comentada.....	27
4.1 Escolhas de tradução.....	28
4.2 Considerações gerais sobre a tradução.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE - Tradução.....	39

Je pensais pouvoir parler de l'autobiographie, cendrillon de la littérature, sans que le roman, genre-roi, en prît ombrage. On peut aimer les deux et il y a de la place pour tout le monde !

Phillipe Lejeune

INTRODUÇÃO

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar uma tradução comentada da obra *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997), de Annie Ernaux, escritora francesa consagrada cuja produção literária tem como marca a exposição da vida privada como forma de enfrentamento político, ético e social. A obra conta com uma tradução em português, lançada em Portugal pela editora Livros do Brasil, sob o título *Não saí da minha noite*. No entanto, até o momento, não há publicação da obra no Brasil, adaptada para o português brasileiro. Desta forma, este trabalho propõe uma tradução parcial e comentada da obra, voltada ao público brasileiro, com atenção às especificidades linguísticas, culturais e afetivas que atravessam o texto de Ernaux.

A obra é escrita em forma de diário íntimo e narra o processo de degradação física e mental da mãe da autora, diagnosticada com Alzheimer. Nesse contexto, o diário se torna não apenas um instrumento de elaboração da dor, mas também um testemunho sobre o esquecimento, o tempo e a linguagem. Mais do que simplesmente transpor palavras de um idioma a outro, o presente trabalho se debruça sobre os desafios que envolvem traduzir uma experiência de memória íntima e afetiva, marcada por fragmentos, silêncios, repetições e hesitações. Traduzir esse tipo de texto implica lidar com aspectos que extrapolam a gramática e a semântica: é necessário buscar formas de manter o tom emocional, o ritmo interior da autora e a densidade afetiva de cada escolha lexical. Para tanto, o trabalho fundamenta-se em teóricos relevantes no campo dos estudos da tradução, como Antoine Berman, Rosemary Arrojo e Walter Benjamin, além de dialogar com os estudos do diário e da autobiografia de Philippe Lejeune.

Neste trabalho, foram utilizados recursos como os tradutores online DeepL e Reverso Context para consultas preliminares, além de dicionários de sinônimos, significados e glossários técnicos, como Expressio.fr, sempre com a devida mediação crítica. As escolhas tradutórias também foram orientadas por uma leitura atenta de outras obras de Annie Ernaux, de modo a compreender a recorrência de certas imagens, expressões e construções estilísticas próprias de sua escrita.

Importante destacar que o texto traduzido apresenta desafios não apenas linguísticos, mas também éticos e políticos. A obra de Ernaux é marcada pela recusa da ficcionalização gratuita, pela escrita seca e contida, e por um gesto de memória que se recusa ao apagamento.

A tradução, nesse sentido, assume a função de preservar essa densidade, sem suavizar ou “corrigir” a crueza do original. Como gesto de escuta e resistência, traduzir *Je ne suis pas sortie de ma nuit* é também enfrentar o desconforto, os tabus sociais e as fragilidades humanas que a autora expõe.

Além disso, o diário íntimo traduzido ganha ainda mais relevância ao ser trazido no contexto brasileiro, no qual os temas da velhice, da sobrecarga emocional de cuidadoras (majoritariamente mulheres) e da invisibilidade das doenças mentais ainda são profundamente negligenciados. Ao apresentar este diário ao público brasileiro, o trabalho amplia o acesso à obra de Ernaux, e também contribui para um debate necessário sobre a memória, o corpo e a linguagem em tempos de apagamento e crise.

No presente trabalho, o termo “escuta” será compreendido como uma postura de acolhimento afetivo e ético diante da voz de Annie Ernaux, cabe ao tradutor, enquanto leitor atento, suspender julgamentos e se colocar no lugar da autora para tentar compreender não apenas o que ela diz, mas como ela o diz.

Dessa forma, o presente trabalho articula teoria, prática tradutória e crítica social, reafirmando o papel da tradução literária como espaço de mediação simbólica, de resistência à perda e de visibilização de subjetividades. A tradução do diário de Annie Ernaux é, neste trabalho, entendida como um gesto de leitura, de escuta e de cuidado com a língua, com o texto e com a memória da autora e de sua mãe.

Este trabalho está organizado em três capítulos principais, além de um apêndice com a tradução parcial da obra. No Capítulo 1, traça-se um panorama introdutório sobre a vida e a obra de Annie Ernaux, com especial atenção ao contexto de *Je ne suis pas sortie de ma nuit*. Discute-se, também, a especificidade do diário íntimo como forma de escrita autobiográfica, a partir das contribuições de Philippe Lejeune. No Capítulo 2, são discutidos os principais conceitos teóricos que orientaram as escolhas tradutórias, com destaque para os debates sobre equivalência, adequação, ética e o papel do tradutor como mediador cultural e político, à luz de autores como Antoine Berman, Rosemary Arrojo e Walter Benjamin. Por fim, o Capítulo 3 apresenta a tradução comentada de trechos da obra, com análise crítica das decisões tomadas ao longo do processo.

CAPÍTULO 1 — Memória, escrita e identidade: Um olhar sobre Annie Ernaux

1.1 Sobre a autora

Annie Ernaux, nascida Annie Duchesne (nome de solteira) em 1º de setembro de 1940, em Lillebonne, na Normandia, França, é uma voz potente da literatura contemporânea francesa, cuja obra articula os entrelaçamentos entre memória, escrita e identidade. Filha única de um casal de origem operária, Ernaux cresceu em Yvetot, uma pequena cidade onde seus pais administravam um café-mercearia. Esse ambiente modesto e profundamente marcado pelas distinções sociais e culturais da França do pós-guerra seria a matriz de boa parte de sua produção literária, tanto temática quanto estilisticamente.

A autora vivenciou, desde cedo, o embate entre os códigos da cultura escolar, veículo de ascensão social, e os valores do meio popular de origem. Essa transição de classe, vivida de forma tensa e ambígua, está no cerne de livros como *La Place* (1983), vencedor do *Prix Renaudot* de 1984, em que Ernaux narra com precisão a morte de seu pai e a distância que se criou entre eles à medida que ela adentrava o mundo letrado e burguês. Em *Une femme* (1987), a autora repete esse gesto memorialístico, agora voltado à figura materna, ampliando sua reflexão sobre o feminino, o silêncio e os espaços sociais ocupados (ou negados) às mulheres.

Ernaux formou-se em Letras na Universidade de Rouen, onde teve contato com os cânones da literatura francesa, ao mesmo tempo em que consolidava uma visão crítica do papel da linguagem e da literatura como instrumentos de poder. Lecionou literatura por muitos anos até se dedicar integralmente à escrita, cuja principal característica é a recusa da ficcionalização gratuita ou do embelezamento estilístico. Ao contrário, sua linguagem é depurada, seca e contida, em um gesto ético que visa expor a verdade do vivido, o peso do real, com o mínimo de interferência ornamental.

Embora frequentemente associada ao gênero da autoficção, Ernaux rejeita essa rotulagem: “Nos meus livros não há autoficção, eles são mesmo biográficos”, afirmou em entrevista dada à Revista do Expresso em 2022¹. Ernaux prefere os termos *écriture de soi* (escrita de si) ou *écriture autosociobiographique* (escrita autossociobiográfica ou autobiografia impessoal) nas palavras da autora, criadora desse novo gênero. Apontando para uma estética da impessoalidade e da despersonalização, como se, ao escrever sobre si, ela não

¹<https://expresso.pt/revista/2022-10-14-Nos-meus-livros-nao-ha-autoficcao-eles-sao-mesmo-biograficos.-Grande-entrevista-a-Nobel-da-Literatura-Annie-Ernaux-7f957c44>

escrevesse apenas sobre "Annie", mas sobre uma mulher qualquer, situada em um tempo e espaço social específico.

A obra de Ernaux aborda, com crueza e sensibilidade, temas como a desigualdade de classes, o corpo feminino, o aborto, a sexualidade, o envelhecimento, a morte e a memória. Textos como *L'Événement* (2000) sobre o aborto clandestino que sofreu quando jovem e *Les Années* (2008), uma espécie de autobiografia coletiva da geração do pós-guerra revelam a amplitude de seu projeto literário: não se trata apenas de narrar uma vida, mas de restituir ao passado sua densidade histórica e afetiva.

[...] lorsque j'ai commencé d'écrire, à vingt ans, j'avais une vision solipsiste, antisociale, apolitique, de l'écriture. Il faut savoir qu'au début des années soixante, l'accent était mis sur l'aspect formel, la découverte de nouvelles techniques romanesques. Écrire avait donc pour moi le sens de faire quelque chose de beau, de nouveau, me procurant et procurant aux autres une jouissance supérieure à celle de la vie, mais ne servant rigoureusement à rien. Et le beau s'identifiait à « loin », très loin du réel qui avait été le mien, il ne pouvait naître que de situations inventées, de sentiments et de sensations détachés, débarrassés d'un contexte matériel. C'est une période que j'ai appelée ensuite celle de « la tache de lumière sur le mur », dans laquelle l'idéal consistait pour moi à exprimer dans la totalité d'un roman cette sensation que donne la contemplation d'une trace de soleil le soir sur le mur d'une chambre. Je n'y suis sans doute pas parvenue puisque ce premier texte – que j'avais d'ailleurs intitulé *Du soleil à cinq heures* – n'a pas trouvé d'éditeur. (ERNAUX, 2003, p. 44)

Sua consagração definitiva veio em 2022, quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, sendo a primeira mulher francesa a conquistar essa distinção. A Academia Sueca justificou a premiação “pela coragem e acuidade clínica com que revela as raízes, os distanciamentos e os constrangimentos coletivos da memória pessoal”². O reconhecimento internacional reforça o lugar de Ernaux como uma das grandes cronistas do século XX e XXI, cuja escrita ultrapassa fronteiras nacionais para tocar em experiências universais, especialmente aquelas que dizem respeito ao corpo, à intimidade, à desigualdade e ao tempo.

A obra de Annie Ernaux convida o leitor a um pacto de sinceridade, à escuta do que geralmente é silenciado: o mal-estar de classe, a vergonha, a dor, o aborto, a velhice, a doença, a perda. Sua escrita é, ao mesmo tempo, uma forma de resistência e um exercício de memória, um modo de inscrever no tecido social aquilo que o tempo e o esquecimento tentam apagar.

²<https://jornal.unesp.br/2022/10/06/annie-ernaux-e-a-primeira-mulher-francesa-premiada-com-o-nobel-de-literatura/>

1.2 Sobre a obra *Je ne suis pas sortie de ma nuit*

Publicada em 1997 pela editora Gallimard, *Je ne suis pas sortie de ma nuit* é uma das obras mais íntimas e dolorosas de Annie Ernaux. O livro reúne anotações feitas entre 1983 e 1986, período em que a mãe da autora, Yvonne Duchesne, passa por um processo de deterioração mental irreversível causado pelo Mal de Alzheimer. O título do livro é retirado de uma frase escrita pela mãe “*je ne suis pas sortie de ma nuit est la dernière phrase que ma mère a écrite*” (ERNAUX, 1997), trata-se da permanência em um estado de sombra, de desorientação, de esvaziamento progressivo de si.

Em *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997), a autora investiga o processo de deterioração cognitiva de sua mãe, acometida pelo Mal de Alzheimer. A autora expõe o corpo debilitado da mãe sem eufemismos, como forma de romper com os tabus sociais que envolvem a velhice e a doença mental. O diário, assim, funciona como um espaço de confronto com o real, em que a literatura não serve para encobrir, mas para revelar. Nele, Ernaux mantém a tensão entre a memória afetiva e a memória documental, ampliando os limites da escrita autobiográfica ao registrar não apenas o que foi vivido, mas o que está se desfazendo, se apagando, aquilo que normalmente escapa à linguagem.

« Je ne suis pas sortie de ma nuit » est la dernière phrase que ma mère a écrite. Souvent, je rêve d’elle, telle qu’elle était avant sa maladie. Elle est vivante mais elle a été morte. Quand je me réveille, pendant une minute, je suis sûre qu’elle vit réellement sous cette double forme, morte et vivante à la fois, comme ces personnages de la mythologie grecque qui ont franchi deux fois le fleuve des morts. (ERNAUX, 1997, p. 6)

O livro reúne anotações esparsas, cruas, atravessadas por sentimentos ambíguos e reflexões cortantes sobre a velhice, a doença e a perda da identidade. Em contraste com outras obras suas que partem de um tempo mais distanciado, em que a experiência é rememorada e organizada retrospectivamente, *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997) é uma obra do tempo presente, da escritura simultânea ao acontecimento. Isso confere ao livro um tom de urgência, uma espécie de “escrita de sobrevivência” que se aproxima da função terapêutica do diário

Do ponto de vista crítico, o livro se insere na tradição da *écriture de soi*, dialogando com formas de escrita íntima como o diário, as memórias e as confissões. O texto é composto de registros que oscilam entre o desabafo emocional e a observação quase antropológica. Ernaux descreve, por exemplo, a perda de vocabulário da mãe, sua desorientação espacial, os momentos de agressividade ou de dependência absoluta, os constrangimentos de cuidar de um corpo que já não reconhece a própria filha.

Ao longo dessas páginas, Ernaux registra o avanço da degradação física e mental da mãe, ora com ternura, ora com desespero ou impaciência, em um testemunho que desafia o ideal romântico de uma maternidade sacralizada. A autora escreve não somente para lembrar, mas para não enlouquecer.

Un jour, j'ai rêvé que je lui criais avec colère : « Arrête d'être folle ! » Par la suite, quand je revenais de la voir à l'hôpital de Pontoise, il me fallait à toute force écrire sur elle, ses paroles, son corps, qui m'était de plus en plus proche. J'écrivais très vite, dans la violence des sensations, sans réfléchir ni chercher d'ordre. Sans cesse, partout, j'avais l'image de ma mère en ce lieu. (ERNAUX, 1997, p. 4-5)

A relevância da obra reside justamente em sua natureza ambivalente: trata-se, ao mesmo tempo, de uma obra de luto e de luta. Luto por uma mãe que se apaga lentamente diante dos olhos da filha; luta contra o silêncio social que cerca a dependência, a fragilidade e a finitude humanas. Profundamente literária e intensamente humana, como toda a produção de Annie Ernaux, essa obra reafirma o compromisso ético da autora com a verdade do vivido.

A escrita do diário cumpre uma dupla função: é, por um lado, um espaço de elaboração subjetiva da dor e, por outro, um instrumento crítico que expõe a invisibilidade social da velhice e da doença. Ernaux não desvia o olhar diante da fragilidade extrema: descreve o corpo debilitado, os episódios de incontinência, a perda da linguagem e o esvaziamento do sentido com uma sobriedade quase clínica. Sem recorrer a eufemismos ou adornos estilísticos, ela recusa tanto a estetização literária quanto o sentimentalismo, num gesto ético que busca manter-se fiel à experiência em sua crueza. Trata-se, portanto, de uma escrita que revela, sem disfarces, aquilo que a sociedade insiste em esconder.

1.3 O Diário Íntimo e Autobiografia

Segundo Lejeune (2008)³, a autobiografia é definida por um “pacto autobiográfico”, um contrato de leitura pela qual o autor, o narrador e o personagem compartilham o mesmo nome, sinalizando ao leitor a intenção de narrar uma história verídica. Esse pacto não implica necessariamente objetividade, mas um compromisso com a verdade subjetiva da experiência vivida. Mesmo assim, Lejeune reconhece haver sempre ficção na autobiografia, enquanto narrar é construir: selecionar lembranças, organizar eventos, adotar um ponto de vista.

³ *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

O tradutor de um diário íntimo assume uma função que vai muito além da mera transcodificação de palavras. Ele se estabelece como um mediador cultural e linguístico, uma ponte delicada entre a voz singular da autora e o universo do leitor na língua de chegada. Essa mediação, especialmente em textos de natureza tão pessoal e visceral, implica uma série de responsabilidades e desafios inerentes à complexidade do gênero. Philippe Lejeune (2008) definiu o diário como uma escrita datada e cotidiana, que pode assumir múltiplas finalidades, como conservar memória, desabafar, pensar, resistir, ou simplesmente conhecer-se. O diário se distingue por sua periodicidade e pela presença constante da datação que estrutura os registros, conferindo autenticidade e uma temporalidade imediata, essencial para sua definição.

[...] uma atividade passageira, ou irregular. Mantemos um diário durante uma crise, uma fase da vida, uma viagem. Começamos, largamos, reencontramos o diário... São raras as pessoas que se obrigam durante um período longo diariamente, anotando o máximo possível de coisas. A maioria dos diários segue um tema, um episódio, um só fio de uma existência. Uma vez virada a página, esquecemo-nos dele, às vezes, o destruimos. (LEJEUNE, 2008, p. 257).

Embora autobiográfico, o diário difere da autobiografia tradicional: é espontâneo, fragmentado e centrado no momento presente da escrita, não em uma reconstrução retrospectiva. O diário é escrito em momentos concretos, com uma intenção de registrar um “agora” vivido, sem a mediação de um projeto literário acabado. Transpor essa espontaneidade e autenticidade para outra língua ou mídia, exige captar não apenas o conteúdo, mas o tom íntimo, a voz pessoal e a relação do autor consigo mesmo. Por sua natureza híbrida, o diário não se enquadra inteiramente no campo da ficção, nem se limita ao mero registro documental. Como traduzir um “eu” que se revela ao mesmo tempo em ruínas e em performance?

Outro aspecto que caracteriza o diário é a presença marcante do tempo. Diferente de narrativas lineares tradicionais, o diário é atravessado pela simultaneidade de tempos: o tempo da escrita, que registra o instante presente da reflexão, e o tempo da memória, que remete a eventos passados de forma fragmentada e não ordenada. Por exemplo, nas marcações de Annie “*Octobre, dimanche 7: Je viens la voir le dimanche désormais.*” (ERNAUX, 1997, p.45). Essa coexistência temporal resulta numa estrutura muitas vezes não-linear, onde eventos, sentimentos e pensamentos se sobrepõem e retornam, gerando um fluxo espontâneo que reflete a mente do autor em movimento.

Embora o diário tenha como motivo principal a deterioração da mãe da autora, *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997) não é um testemunho sobre a vida da mãe, mas sim sobre a maneira como a narradora experimenta a presença-ausência materna. Não há, no texto, um ponto de vista da mãe, o que há é o olhar da filha diante da perda, um eu em fratura, que registra não apenas o que vê, mas, sobretudo, o que sente. Nesse sentido, o diário assume a forma de uma autobiografia afetiva, em que o outro (a mãe) funciona como espelho da ruína interna da narradora.

Um aspecto que dificulta a transposição é a fragmentação temática do diário, que pode alternar entre assuntos cotidianos, reflexões existenciais, eventos históricos e preocupações técnicas, muitas vezes sem uma linearidade ou coerência narrativa tradicionais. Essa dispersão requer estratégias para organizar o texto, seja para fins analíticos ou para adaptação. Os momentos vividos se entrelaçam aos sentimentos e pensamentos da autora, revelando também suas contradições mais íntimas. É o que se observa, por exemplo, quando ela relata um sonho em que gritava com raiva para a mãe: “*Un jour, j’ai rêvé que je lui criais avec colère : « Arrête d’être folle ! »*”. Em seguida, no fluxo dos pensamentos que invadem a narrativa, surge o desejo ambivalente, mais profundo e silencioso: “*J’ai peur qu’elle meure. Je la préfère folle.*” Nesse excerto, observa-se a fusão característica entre tempo vivido, pensamento íntimo e sentimento oscilante, que atravessa toda a obra de Ernaux.

Além disso, a escrita diarística costuma ser marcada pela espontaneidade e pela ausência de rigor formal, manifestando-se em repetições, lapsos, elipses e uma sintaxe por vezes fragmentada. Esses elementos estilísticos não são meros erros ou descuidos, mas sim traços fundamentais que conferem veracidade e vivacidade ao texto. Como aponta Lejeune, ao descrever o que é a autobiografia:

Denominamos de “autobiografia” a narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade. (LEJEUNE, 2008, p. 71)

Para o tradutor, esses traços representam desafios significativos. A não-linearidade dificulta a criação de uma narrativa coesa no texto-alvo, exigindo que o tradutor preserve a fragmentação e o ritmo próprio do original para manter sua autenticidade. O tradutor se depara não só com a subjetividade da autora, mas também com a sua própria. As vivências

pessoais do tradutor, suas próprias sensações de dor, medo ou angústia, podem ressoar com o texto de origem, influenciando suas escolhas.

E, apesar de sua longa tradição na história da literatura, a autobiografia ainda é um gênero marginalizado em relação ao romance, frequentemente considerada uma forma menor, marcada por uma suposta falta de elaboração estética ou universalidade. Enquanto os romances são amplamente valorizados como formas legítimas de criação artística e explorados no cânone literário, os relatos autobiográficos costumam ser relegados a um espaço de menor prestígio, muitas vezes lidos como confissões íntimas ou documentos pessoais, e não como obras literárias plenas. Essa desvalorização é apontada por Philippe Lejeune ao discutir a “hostilidade e irritação” que cercam a autobiografia autêntica, observando como muitos escritores preferem disfarçar a verdade sob o rótulo do romance, usufruindo dos benefícios do pacto autobiográfico sem se comprometerem com sua responsabilidade. Segundo ele:

Há na França tanta hostilidade e irritação em torno da autobiografia “autêntica” que um certo número de escritores acampa, se posso dizer assim, “ilegalmente” em seu território. Eles mobilizam, dizendo claramente fazê-lo, a experiência pessoal, às vezes o próprio nome, brincando assim com a curiosidade e a credulidade do leitor, mas batizam “romance” textos nos quais dão um jeito de se entender como a verdade, tratando-a como o bem querem. Essa zona “mista” é muito frequentada, muito viva e sem dúvida, como todos os locais de mestiçagem, muito propícia à criação. Usufruir dos benefícios do pacto autobiográfico sem pagar nenhum preço por isso pode ser uma conduta fácil, mas também propiciar exercícios irônicos, complexos de virtuosismo ou abrir caminho para pesquisas das quais a autobiografia autêntica poderá tirar proveito. Mas escritores que frequentam essa zona justamente porque estão sempre esbarrando na autobiografia são os que mais violentam, desprezam e a renegam, sobretudo que ninguém pense que eles a praticam. Eles estão inteiramente no campo da arte. (LEJEUNE, 2008, p. 108-109)

Annie Ernaux não apenas assume o pacto autobiográfico, como o tensiona ao extremo, escrevendo a partir de notas íntimas de seu diário, com pouca ou nenhuma reformulação estética. A recusa de transformar a experiência em narrativa ficcional elaborada é, para ela, um gesto político e ético: trata-se de dar visibilidade à dor, ao desgaste do tempo e

à memória de uma mãe tomada pelo Alzheimer, sem recorrer ao consolo da ficção. Nesse sentido, a autora não apenas desafia os preconceitos que cercam a autobiografia, como propõe uma nova forma de escrita de si, uma escrita da perda, da hesitação, da interrupção, daquilo que escapa à linguagem.

CAPÍTULO 2 — A tradução do diário íntimo como ato de mediação e reconstrução

Traduzir um diário íntimo é um exercício de delicadeza e responsabilidade. Não se trata apenas de transpor um conteúdo para outra língua, mas de reconstruir um gesto de escrita profundamente pessoal, que por vezes opera na fronteira entre o silêncio e a expressão. O tradutor, nesse contexto, atua como mediador entre duas culturas, mas também entre duas intimidades: a do autor e a sua própria.

No caso de *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997), o caráter fragmentário, confessional e doloroso da escrita de Annie Ernaux exige do tradutor uma escuta empática e uma atenção radical à forma. A linguagem aqui não é um meio, mas o próprio campo no qual a experiência da perda é elaborada. Cada frase curta, cada repetição, cada omissão é significativa. O diário não está preocupado com uma linguagem literária refinada, mas com a urgência de dizer o que dói, de dar forma ao sofrimento que se impõe.

Em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*⁴, Berman (2012, p. 60) afirma que “[...] a leitura de uma tradução não é uma experiência completa, mas é o que há”; desta forma, por mais que não seja possível transportar integralmente a carga emocional e simbólica da obra original, o tradutor tem o compromisso de construir, na língua de chegada, um espaço de significação que preserve, na medida do possível, a intensidade da experiência proposta pelo autor. Esta obra é marcada por um sofrimento contido e uma dor silenciosa, o esforço do tradutor reside em recriar formas de expressão que ressoem emocionalmente, mesmo reconhecendo que o peso exato da escrita de Ernaux é intraduzível.

A escrita diarística de Ernaux expõe o corpo e a deterioração da mãe com uma crueza ética que evita a estetização da dor. Ao expor a doença, a incontinência, a perda da linguagem, a autora rompe com tabus que cercam a velhice e a morte. Cabe ao tradutor manter essa ruptura ativa, sem atenuar o desconforto que o texto original produz. Nesse sentido, traduzir o diário torna-se um ato de mediação crítica, no qual o tradutor negocia constantemente entre preservar o impacto do original e adaptá-lo à sensibilidade cultural e linguística do público-alvo.

Mas essa mediação não é neutra. A tradução é sempre um ato de reescrita, permeado pela subjetividade de quem traduz, como defende Rosemary Arrojo, em sua obra *Oficina da Tradução* (2007, p. 24)⁵ “A tradução, como a leitura, deixa de ser, portanto, uma atividade que protege os significados 'originais' de um autor, e assume sua condição de produtora de

⁴ Originalmente *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, publicado em 1985, por Éditions Trans-Europ-Repress.

⁵ *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 24.

significados; mesmo porque protegê-los seria impossível”. Ao lidar com um texto tão carregado de emoção, o tradutor projeta também sua própria afetividade. O “eu” que traduz está em diálogo com o “eu” que escreve. Não há tradução sem envolvimento. E, por isso mesmo, a fidelidade, aqui, não pode ser entendida como reprodução literal, mas como um compromisso com a intensidade e a densidade emocional da experiência vivida e narrada.

É nesse ponto que a noção de reconstrução se torna central. O tradutor reconstrói não apenas frases, mas o ambiente emocional do texto, o gesto da escrita, o modo como a autora encara sua dor e a transforma em literatura. A reconstrução envolve escolhas estilísticas, lexicais, rítmicas, culturais. Na tentativa de, como propõe Arrojo (2007), produzir sentidos, e não apenas proteger os “originais”.

Portanto, a tradução do diário íntimo configura-se como uma forma de escuta e escrita ao mesmo tempo. O tradutor ouve, ressoa e reinscreve a experiência do outro, sem jamais anulá-la. Nesse gesto, há mediação, mas também criação, pois traduzir, nesse caso, é também reinventar formas de dizer o indizível, reconstruir sentidos à beira do colapso, sustentar uma voz que, entre lágrimas e silêncios, ainda quer ser ouvida.

2.1 Equivalência e adequação

A proposta de equivalência dinâmica, formulada por Eugene Nida (1964) em sua obra *Toward a Science of Translating*⁶, representou um marco nos estudos da tradução ao deslocar o foco da fidelidade estrita ao texto-fonte para o efeito da mensagem sobre o receptor. Para Nida, uma tradução eficaz não é aquela que apenas reproduz palavras ou estruturas, mas aquela que estabelece “uma relação entre receptor e mensagem que seja substancialmente a mesma que aquela que ocorreu entre os receptores e a mensagem original” (NIDA, 1964, p. 159). Esse conceito se mostrou particularmente influente na tradução de textos religiosos, como a Bíblia, nos quais a recepção e o impacto sobre o leitor-alvo são elementos centrais. Nida divide sua proposta entre correspondência formal, voltada à forma e ao conteúdo do original e equivalência dinâmica, centrada na resposta do receptor, sendo esta última mais adequada quando se busca transmitir sentido e emoção, como no caso de textos literários, íntimos e subjetivos.

Entretanto, embora a equivalência dinâmica traga avanços no reconhecimento da subjetividade do leitor e da função comunicativa da tradução, ela não está isenta de críticas.

⁶ Nida, E. A. *Towards a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: Brill. (1964).

Cristina Carneiro Rodrigues (2000)⁷, apoiando-se na desconstrução de Jacques Derrida, argumenta que a noção de equivalência, mesmo em sua versão “dinâmica”, mantém viva uma idealização de simetria entre línguas e culturas que, na prática, é inatingível. Segundo Rodrigues, “[...] a equivalência dinâmica revela-se como uma violência cultural, como uma repressão do outro” (RODRIGUES, 2000, p. 92), pois parte da ilusão de que seria possível reproduzir, sem assimetrias, os valores e efeitos de um texto original em um outro contexto linguístico e sociocultural. A autora enfatiza que “a tradução pratica a diferença entre valores, crenças e representações sociais, assim como funciona como agente de domínio” (Ibidem). Assim, mesmo quando a intenção do tradutor é aproximar culturas, ele está necessariamente envolvido em escolhas que refletem sua posição, seu tempo e sua ideologia.

Os conceitos de equivalência e adequação são fundamentais para a avaliação da qualidade de uma tradução. A equivalência refere-se à relação de correspondência entre o texto-fonte e o texto-alvo. No entanto, essa correspondência pode ser de diferentes tipos: formal (ao nível das palavras e estruturas), dinâmica ou funcional (ao nível do efeito sobre o leitor) ou cultural (ao nível dos referentes culturais). A adequação, por sua vez, diz respeito à conformidade da tradução com o propósito e a função para os quais ela foi realizada. Uma tradução pode ser equivalente em vários aspectos, mas não adequada se não cumpre seu objetivo comunicativo.

A tradução de um diário íntimo, como *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997), impõe desafios singulares no que toca à busca por equivalência. O gênero diarístico é marcado pela expressão direta e fragmentada da subjetividade, pela alternância entre emoções cruas e reflexões contidas, e por uma linguagem que muitas vezes foge às normas formais, incluindo repetições, lapsos e coloquialismos. A tentativa de alcançar uma equivalência formal rigorosa, com tradução palavra por palavra, pode resultar em uma perda da autenticidade da voz da autora e do impacto emocional do texto. Da mesma forma, não há como buscar uma tradução “neutra” desses diários, pois a representação do tradutor acusa sua intenção, conforme Rosemary Arrojo (2003, p. 77) fala:

Qualquer tradução, por mais simples e despretensiosa que seja, traz consigo marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador. Qualquer tradução denuncia sua origem numa interpretação, ainda que seu realizador não a assuma como tal. Nenhuma tradução será, portanto, “neutra” ou “literal”; será, sempre e inescapavelmente, uma leitura. O fato de ser sempre e inevitavelmente uma leitura ou uma interpretação não constitui, entretanto, uma característica peculiar de atividade do tradutor; revela, sim, um traço essencial de toda e

⁷ RODRIGUES, C. C. *Tradução: a questão da equivalência*. Alfa (São Paulo), v.44, n.esp., p. 92, 2000.

qualquer atividade linguística a até mesmo de qualquer atividade humana. Toda tradução revela sua origem numa interpretação exatamente porque o texto de que parte, o chamado “original”, somente vive através de uma leitura que será — sempre e necessariamente — também produto da perspectiva e das circunstâncias em que ocorre.⁸

Portanto, a tradução de *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997) exige do tradutor uma postura ética e consciente de seu papel enquanto leitor-intérprete. Longe de buscar uma fidelidade ilusória a uma literalidade neutra, a tarefa tradutória deve preservar os elementos formais e afetivos que constituem a singularidade da escrita de Ernaux, suas repetições, hesitações, silêncios e intensidades. Como destaca Arrojo (2003), toda tradução é atravessada pelas marcas de quem a realiza, sendo, antes de tudo, um gesto de leitura situado historicamente e subjetivamente. Nesse sentido, a escolha de manter as rupturas e oscilações do texto original não é apenas uma questão estilística, mas uma afirmação de compromisso com a memória, a dor e a linguagem da autora, respeitando a densidade emocional e política inscrita em sua escrita.

Dessa forma, a noção de equivalência dinâmica proposta por Eugene Nida (1964) pode ser retomada com a devida cautela, não como uma promessa de reprodução plena dos efeitos do original na tradução, mas como uma orientação para preservar, tanto quanto possível, a carga emocional e subjetiva da obra. O diário, enquanto gênero profundamente íntimo e afetivo, exige do tradutor uma postura ética e interpretativa, consciente de que traduzir não é simplesmente reproduzir, mas recriar efeitos de sentido em outro contexto linguístico e cultural. Como observam Arrojo (2003) e Rodrigues (2000), toda tradução é, antes de tudo, uma leitura situada, permeada por escolhas, deslocamentos e transformações inevitáveis. Nesse sentido, adotar uma estratégia tradutória que busque provocar no leitor da tradução um impacto emocional e uma compreensão semelhantes àqueles vivenciados pelo leitor da obra original torna-se não apenas desejável, mas indispensável. Traduzir o terror, a dor, a impotência e o amor filial expressos no diário exige que o tradutor se sensibilize com o texto, reconheça sua dimensão afetiva e a transmita por meio de escolhas lexicais e sintáticas que preservem, na medida do possível, sua intensidade emocional.

2.2 O papel do tradutor: Mediador cultural e linguístico

Rosemary Arrojo, em *Oficina de tradução: a teoria na prática* (2007), argumenta que a tradução é um ato de reescrita, e que a ideia de uma “tradução fiel” é uma ilusão. Para

⁸ ARROJO, R. *O Signo Desconstruído. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. 2 ed. Campinas: Pontes, p.77, 2003.

Arrojo, a subjetividade do tradutor é inescapável e, ao invés de negá-la, deve-se reconhecê-la e trabalhá-la. Isso é particularmente relevante para a tradução de um diário, na qual o tradutor se confronta com uma subjetividade intensa no texto-fonte e projeta a sua própria subjetividade no texto-alvo. A “violência das sensações” que a autora do diário descreve ao escrever sobre a mãe é algo que o tradutor também vivencia e precisa decifrar para reescrever. Dessa forma, a “liberdade” na tradução pode ser entendida como a licença para empregar estratégias que preservem o impacto emocional e a autenticidade do original, mesmo que isso signifique desviar-se de uma correspondência formal palavra por palavra. Rosemary Arrojo destaca que toda tradução, mesmo a mais neutra ou despretensiosa, é, inevitavelmente, uma leitura situada, marcada pela intenção, pelas condições históricas e pela subjetividade de quem traduz. Não há, portanto, neutralidade: há responsabilidade.

Walter Benjamin, em seu ensaio “A tarefa do tradutor” (2011), pensa a tradução como forma e não como cópia. Segundo ele, traduzir é dar à obra a sobrevivência⁹, ou pervivência¹⁰, reconhecendo que o texto original, ao se deixar traduzir, já se constitui como instável e incompleto. O tradutor, nessa perspectiva, opera como um agente de revelação e deslocamento: ao recriar o texto, ele o transforma, desarticula sua forma canônica e o reinscreve em outro horizonte. Antoine Berman, no seu trabalho *A prova do estrangeiro* (2002)¹¹, ao ecoar essa concepção, afirma que a tradução é uma experiência crítica, um meio de reflexão (*médium de réflexion*) que faz da obra traduzida uma pequena obra de arte. Assim, traduzir é um gesto crítico, político e estético, que recusa a transparência ilusória e assume a opacidade e a tensão próprias do encontro entre línguas e culturas. No caso da tradução de diários íntimos, essa consciência se torna ainda mais urgente, pois a fidelidade não se mede pela literalidade, mas pela preservação da dor, da hesitação e da memória que vibram na escrita.

⁹ Em alemão, *Überleben*.

¹⁰ Em alemão, *Fortleben*.

¹¹ Originalmente publicado em francês como *L'Épreuve de l'Étranger* em 1984.

2.3 Tradução como gesto ético e político

A tradução da obra *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (1997) pode ser compreendida como um ato político, enquanto o processo tradutório funciona como uma forma de mediação simbólica e de redistribuição discursiva. Isso se torna ainda mais evidente considerando que a escrita de Annie Ernaux carrega um forte caráter social, feminista e político. A própria autora, em *L'Écriture comme un couteau*, afirma: “*Écrire est, selon moi, une activité politique, c’est-à-dire qui peut contribuer au dévoilement et au changement du monde ou au contraire conforter l’ordre social, moral, existant.*” (ERNAUX, 2003, p. 43). Nesse sentido, traduzir Ernaux é também participar de um gesto de denúncia, revelação e transformação do mundo.

A tradução pode ser compreendida como um dispositivo de inscrição de memórias individuais e coletivas, especialmente quando dá acesso a narrativas silenciadas ou negligenciadas nos discursos dominantes. Ao traduzir um diário que expõe sem disfarces a vulnerabilidade humana diante da finitude, reafirma-se a importância de dar visibilidade a existências muitas vezes confinadas ao silêncio, como a das pessoas idosas institucionalizadas, das mulheres cuidadoras, das famílias desamparadas frente à doença.

A palavra “política” tem origem no termo grego “politeia”, utilizado para designar os assuntos relacionados à pólis (Cidade-estado) e à vida em comunidade. Desde a Antiguidade, especialmente com Aristóteles¹² em sua obra *Política*, existe a política como o modo de organização da convivência coletiva, na qual os indivíduos podem expressar suas particularidades e conflitos sem que isso resulte em desordem social. Embora os gregos e romanos sejam considerados os fundadores da política ocidental, relações de autoridade e organização já estavam presentes em civilizações anteriores. Nesse sentido, pensar a tradução como um gesto ético e político é reconhecer que ela também participa da construção da vida coletiva: ao dar visibilidade a vozes silenciadas e experiências marginalizadas.

Nos primeiros capítulos do livro *A tradução como ato político de resistência*¹³ (2023), Jamile Almeida discute a invisibilidade de grupos minoritários nos campos da literatura e da tradução, à luz da perspectiva desconstrutivista. Nessa abordagem, o tradutor é compreendido como um agente interpretativo, que ressignifica as palavras em um novo contexto cultural, em vez de se limitar à tradução literal. Por fim, é destacada a importância da tradução enquanto ato político de resistência, capaz de evidenciar, por meio da linguagem, os traços culturais de grupos historicamente silenciados. Tal postura contribui para o

¹² O filósofo foi o primeiro a trazer o conceito de ética na política

¹³ ALMEIDA, Jamile Oliveira. *A tradução como ato político de resistência*. Salvador: EDUNEB, 2023.

reconhecimento e a valorização de epistemologias oriundas desses grupos, que, ao afirmarem seus espaços de enunciação, também reivindicam seu lugar na história.

Como afirma Michaël Oustinoff (2011)¹⁴, a principal função da tradução é de ordem prática, pois, sem ela, a comunicação entre línguas e culturas distintas seria comprometida ou até mesmo inviável. Traduzir, nesse caso, é um ato de responsabilidade ética com a memória do outro. É manter viva a voz de alguém que está desaparecendo, como a mãe de Ernaux, cujos momentos de lucidez se tornam cada vez mais escassos e cujas palavras vão se dissolvendo no esquecimento. O tradutor tem a tarefa de manter essa voz audível, mesmo quando ela se fragmenta, se repete, se cala.

O ato de traduzir *Je ne suis pas sortie de ma nuit* também promove um gesto ético de escuta e mediação cultural ao trazer para o debate literário e social brasileiro temas ainda marcados por grande invisibilização: o cuidado de idosos, a sobrecarga física e emocional das filhas-cuidadoras, o sofrimento mental e o isolamento social provocados por doenças neurodegenerativas. Embora universais, essas questões assumem contornos específicos no Brasil, onde o envelhecimento populacional vem ocorrendo de forma acelerada e sem o devido acompanhamento por políticas públicas eficazes.

Estima-se que aproximadamente 1,7 milhão de pessoas com 60 anos ou mais vivam com algum tipo de demência no país, sendo 966.594 casos de Alzheimer, o que representa 5,8% da população dessa faixa etária. As projeções indicam que esse número pode chegar a 2,78 milhões até 2030 e ultrapassar 5,5 milhões em 2050¹⁵. No Distrito Federal, por exemplo, denúncias de abandono de idosos cresceram 68% entre 2022 e 2024¹⁶. A maioria dos cuidados prestados a esses pacientes é realizada por familiares, especialmente mulheres: os dados mostram que cerca de dois terços dos cuidadores informais são do sexo feminino, e no caso da Doença de Alzheimer esse índice sobe para 92,2%.

Essas mulheres, em sua maioria filhas, enfrentam intensa sobrecarga, assumindo frequentemente os cuidados sozinhas, sem suporte institucional. Segundo o levantamento citado, 62,2% das cuidadoras informais relatam transtornos mentais, mais da metade apresenta quadros de depressão e ansiedade, e dois terços demonstram sintomas de estresse. A

¹⁴ OUSTINOFF, Michael. *Tradução: história, teorias e métodos*. tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, p.12, 2011.

¹⁵ REVISTA PESQUISA FAPESP. *Ao menos 1,76 milhão de pessoas têm alguma forma de demência no Brasil*. Publicado em 19 jun. 2024. Disponível em:

<https://revistapesquisa.fapesp.br/ao-menos-176-milhao-de-pessoas-tem-alguma-forma-de-demencia-no-brasil/>.

¹⁶ CORREIO BRAZILIENSE. *Denúncias de abandono de idosos crescem 68% no DF em dois anos*. Publicado em 28 mar. 2025. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2025/03/7087172-denuncias-de-abandono-de-idosos-crescem-68-no-df-em-dois-anos.html>.

narrativa íntima de Ernaux, ao registrar a progressiva deterioração de sua mãe e o esgotamento subjetivo que ela mesma enfrenta, torna visível uma experiência que, embora comum a milhares de brasileiras, permanece marginalizada nos discursos públicos e literários. Assim, a tradução de seu diário não apenas viabiliza o acesso a uma obra sensível e contundente, como também lança luz sobre um tema urgente no cenário nacional, mobilizando empatia, reflexão e, potencialmente, ação política.

A tradução, portanto, torna-se uma ponte não apenas entre línguas, mas entre contextos e lutas. É uma forma de dar voz a quem, por vezes, só pode sussurrar ou calar. Nesse gesto de mediação, o tradutor age como um agente de resistência à estetização da dor, à homogeneização das experiências humanas, ao silenciamento das subjetividades periféricas. Ao reconstituir na língua de chegada os traços da escrita de Ernaux, sua segura, sua urgência, sua brutalidade afetuosa, a tradução afirma a literatura como espaço de insurgência e de cuidado.

CAPÍTULO 3 — A tradução comentada

O processo de tradução da obra *Je ne suis pas sortie de ma nuit* configurou-se como uma experiência de imersão não apenas na linguagem, mas também na dor, na memória e na subjetividade de Annie Ernaux. Acompanhando essa escrita dilacerada, a tradução implicou em uma vivência afetiva e ética diante da aproximação da morte, do apagamento subjetivo e da sobrecarga emocional da narradora.

Além das implicações emocionais e formais, o processo tradutório confrontou-se com desafios éticos e linguísticos. Certos termos utilizados por Ernaux, que serão discutidos a seguir, apresentam forte carga histórica e política, cuja manutenção integral poderia gerar ruído ou até violência simbólica no contexto da recepção brasileira contemporânea. Nessas situações, a tradução exige um posicionamento consciente: deve-se preservar o termo original e seu potencial de choque? Deve-se adaptá-lo? Ou ainda buscar um meio-termo que não oculte o conflito, mas o contextualize? Essas são questões centrais, discutidas ao longo deste trabalho de conclusão de curso, à medida que se procura refletir criticamente sobre os limites e as possibilidades da tradução literária enquanto prática ética, estética e política.

Outro aspecto relevante no processo foi a reelaboração da tradução em múltiplas versões. A primeira tentativa de tradução, realizada de maneira mais intuitiva, revelou-se limitada por uma ausência de fundamentação crítica. Nela, as escolhas tradutórias eram majoritariamente espontâneas e pouco ancoradas em reflexão teórica. Já a segunda versão, produzida após leituras aprofundadas, debates com a bibliografia especializada e revisão sistemática do texto, apresentou maior complexidade e consciência. Cada palavra, cada construção e cada silêncio passaram a ser interrogados à luz de um projeto tradutório mais coeso. A tradução, nesse sentido, revelou-se não como um produto final, mas como um processo formativo e investigativo, um espaço de aprendizagem, questionamento e responsabilidade.

4.1 Escolhas de tradução

QUADRO 1: Título da obra

« Je ne suis pas sortie de ma nuit » est la dernière phrase que ma mère a écrite.	"Não há saída para minha noite" foi a última frase que minha mãe escreveu.
---	--

Fonte: elaborado pela autora

Entre as diversas decisões tradutórias exigidas ao longo do trabalho, a que mais se prolongou e apresentou maior complexidade foi a tradução do título da obra. *Je ne suis pas sortie de ma nuit* constitui uma enunciação carregada de ambiguidade e densidade simbólica.

A carga simbólica do título se intensifica ao se considerar que a frase « *Je ne suis pas sortie de ma nuit* » foi a última que a mãe da autora escreveu antes de perder a capacidade de se expressar por escrito, fato mencionado já na abertura da obra. A escolha do título, portanto, não parte da narradora, mas da mãe, figura central da narrativa e do sofrimento registrado. A “noite” também pode ser lida como uma figura da linguagem para aquilo que escapa à representação: o inominável, o que não se pode dizer nem organizar logicamente em um discurso narrativo tradicional.

A formulação adotada na presente tradução buscou um meio-termo entre abordagens já existentes em outras línguas. Em inglês, a obra foi publicada sob o título *I Remain in Darkness*¹⁷, numa versão mais livre e interpretativa, que prioriza o efeito poético da imagem de aprisionamento na escuridão, ainda que se afaste da estrutura sintática original. Já a tradução espanhola, *No he salido de mi noche*¹⁸, opta por uma solução mais literal, preservando tanto a negativa quanto a referência à “minha noite”, mantendo-se próxima da formulação original de Ernaux.

Dessa forma, a opção “Não há saída para a minha noite” foi adotada por se situar entre a literalidade e a expressividade, preservando a ambiguidade do original. A escolha buscou, assim, equilibrar fidelidade semântica e impacto poético, sem impor uma interpretação que não esteja sustentada de forma clara pelo texto-fonte.

Durante o processo tradutório, existiu a possibilidade de verter o título como “Não há saída para a minha escuridão”, justamente por entender que ‘*nuit*’ pode carregar sentidos simbólicos, afetivos e existenciais, como parece indicar a tradução inglesa. No entanto, ao longo da obra, em nenhum momento Annie Ernaux esclarece o sentido profundo dessa frase.

¹⁷ ERNAUX, Annie. *I Remain in Darkness*. Translated by Tanya Leslie. New York: Seven Stories Press, 2000.

¹⁸ ERNAUX, Annie. *No he salido de mi noche*. Traducción de Cecilia Dreymüller. Madrid: Cabaret Voltaire, 2013.

Sabemos apenas que foi dita por sua mãe, e o texto não oferece pistas seguras para afirmar que há ali, de fato, uma metáfora intencional sobre a morte, a perda de si ou uma experiência existencial de escuridão. A autora tampouco se detém para comentar ou interpretar essa fala, o que reforça a necessidade de cautela diante de possíveis interpretações.

Evita-se, com isso, induzir uma leitura limitadora ou potencialmente equivocada por parte dos leitores. Ao manter o enunciado em aberto, permite-se que o público construa seu próprio sentido a partir da leitura, conforme a forma como cada leitor se relaciona com a linguagem, a memória e a dor presentes na obra.

A tradução do título também implicou uma mudança importante na voz verbal: da formulação original em primeira pessoa do singular — *Je ne suis pas sortie de ma nuit* — para uma estrutura impessoal na terceira pessoa — “Não há saída para a minha noite”. Essa impessoalidade intencional amplia o alcance poético e interpretativo do título, acolhendo a pluralidade de sentidos que a obra sugere.

QUADRO 2 - Existência dupla

Elle est vivante mais elle a été morte. Quand je me réveille, pendant une minute, je suis sûre qu'elle vit réellement sous cette double forme, morte et vivante à la fois, comme ces personnages de la mythologie grecque qui ont franchi deux fois le fleuve des morts.	Ela está viva, mas <i>ela morreu</i> . Quando eu acordo, por um minuto, tenho a certeza de que ela vive realmente nessa dupla forma, morta e viva ao mesmo tempo, como aqueles personagens da mitologia grega que atravessaram o rio dos mortos duas vezes.
--	---

Fonte: elaborado pela autora

Neste trecho, Annie Ernaux entrelaça sonho e realidade para expressar a presença paradoxal da mãe: “viva, mas ela morreu”. O diário torna-se um espaço em que a autora encara, repetidamente, a morte anunciada, mas ainda não cumprida. Ao escrever, ela documenta não apenas o declínio da mãe, mas antecipa sua morte “*D’une certaine façon, ce journal des visites me conduisait vers la mort de ma mère.*” e há uma consciência aguda de que cada registro pode ser o último, o que confere à escrita um tom de vigília. Ernaux reconhece que está, de certa forma, “redigindo” a morte da mãe antes que ela se efetive. Assim, o diário atua como um dispositivo que premedita o fim e, ao mesmo tempo, tenta suspender seu impacto, fixando o momento em palavras.

A imagem da mãe morta e viva “*à la fois*” surge num sonho, o espaço liminar por excelência entre a presença e a ausência, entre o real e o imaginado. Nesse devaneio, a mãe habita simultaneamente dois estados ontológicos. A autora recorre então à mitologia grega para descrever essa percepção: “*comme ces personnages de la mythologie grecque qui ont*

franchi deux fois le fleuve des morts”. A referência remete a figuras como Héracles ou Orfeu, que atravessaram e retornaram, vivos, do mundo dos mortos o rio Estige¹⁹ (ou Lete, dependendo da versão), representando a barreira intransponível entre o mundo dos vivos e dos mortos. Essas figuras mitológicas possuem uma existência dupla: conhecem a morte, mas continuam vivos, habitando uma zona liminar. Ao associar sua mãe a esses personagens, Ernaux aponta para uma condição espectral, sua mãe permanece viva na memória, nos sonhos, nos rastros do cotidiano, mesmo após a morte física.

Essa duplicidade representa um desafio à tradução. A frase “*Elle est vivante mais elle a été morte*” inverte a expectativa temporal: primeiro afirma a vida, depois relembra a morte.

Ao optar pelo pretérito perfeito em português, mantém-se essa carga de atualidade emocional e de estranhamento, diferente do que seria sugerido pelo pretérito mais-que-perfeito (“ela tinha morrido”), que deslocaria a ação para um passado distante e plenamente resolvido. No contexto do trecho, no entanto, trata-se de uma morte que continua a assombrar o presente da narradora, vivida como algo simultâneo à vida, como um estado ambíguo. O uso do mais-que-perfeito atenuaria esse efeito de simultaneidade e enfraqueceria o impacto paradoxal da frase, em que vida e morte coexistem

A figura da mãe, morta-viva, encarna o paradoxo da lembrança, ela sobrevive no texto, na memória, nos sonhos, mas sua ausência é irremediável. Ao evocar a travessia mitológica, Ernaux sugere que sua mãe, tal como os heróis da Antiguidade, realizou um retorno simbólico: não da morte para a vida física, mas da morte para a permanência no texto e no inconsciente da autora.

QUADRO 3 - A infantilização

Elle s’est levée ce matin et d’une petite voix : « J’ai fait pipi au lit, ça m’a échappé. » Les mots que je disais quand cela m’arrivait dans mon enfance.	Ela acordou esta manhã e disse em voz baixa: "Fiz xixi na cama, me escapou". As palavras que eu dizia quando isso me acontecia na minha infância.
--	---

Fonte: elaborado pela autora

A frase, em sua simplicidade, remete imediatamente à infância, mas aqui é pronunciada por uma mulher idosa, marcada pela degradação física e mental causada pelo Alzheimer. Ao mencionar que eram as mesmas palavras que ela, Annie, dizia na infância, a autora estabelece uma dolorosa inversão de papéis: a mãe, outrora figura de autoridade e cuidado, retorna a um estado de dependência e fragilidade semelhante ao de uma criança. O

¹⁹ Do grego Στυξ, inglês Styx.

uso do termo ‘pipi’, uma forma de falar muitas vezes utilizada pelas crianças para se referir à urina, marca essa regressão.

Essa cena ilustra com clareza um dos aspectos mais perturbadores do processo de envelhecimento retratado no diário: a despersonalização progressiva da mãe, sua perda de autonomia e de dignidade. Annie Ernaux assiste, impotente, à transformação da mãe em um corpo dependente, que precisa de fraldas, que urina na cama, que repete frases infantis. O retorno da mãe à infância — não como metáfora, mas como realidade física e simbólica, incomoda profundamente a narradora. A própria Ernaux afirma, em outro ponto do diário, que *“Tout est renversé, maintenant, elle est ma petite fille. Je ne PEUX pas être sa mère.”*, recusando o papel que a vida lhe impõe, de cuidadora e observadora da ruína de quem, um dia, cuidou dela.

Não se trata apenas de relatar um episódio de incontinência, mas de mostrar como a linguagem revela o colapso da identidade adulta, da dignidade e da função materna. A mãe de Ernaux, ao pronunciar essas palavras, torna-se simultaneamente um eco do passado da filha *“Les mots que je disais quand cela m’arrivait dans mon enfance.”*

QUADRO 4 - Carga histórica negativa

“On me fait travailler comme une négresse”	“Fazem-me trabalhar duro”
--	---------------------------

Fonte: elaborado pela autora

No trecho em que a mãe de Annie Ernaux declara *“On me fait travailler comme une négresse”*, é possível identificar uma expressão fortemente marcada por um histórico colonial e racista. Literalmente, a frase significa “Fazem-me trabalhar como uma negra”, evocando de forma direta a exploração do trabalho escravo de mulheres negras e perpetuando, ainda que inconscientemente, uma herança linguística de desumanização. Trata-se de uma expressão que, embora corrente em certos contextos do francês do século XX, é hoje amplamente reconhecida como inaceitável sob a ótica ética e crítica contemporânea.

Em alguns sites, como Wiktionary²⁰, um dicionário multilíngue, baseado na web, que visa criar um conteúdo livre com variados termos, detalha que essa locução faz alusão direta aos escravos negros (*“allusion aux esclaves noirs d’autrefois”*) e classifica-a como injuriosa e pejorativa. No site Expressio.Fr²¹ é possível ler que o termo também existe no Quebec, e justifica dizendo *“On considère les nègres comme de mauvais travailleurs, et pourtant il*

²⁰ https://fr.wiktionary.org/wiki/travailler_comme_un_n%C3%A8gre.

²¹ <https://www.expressio.fr/expressions/travailler-comme-un-negre>.

existe un dicton français : « *J'ai travaillé comme un nègre* ».», mas hoje é amplamente considerada inaceitável.

Já o artigo do jornal canadense *La Tribune*²² (“*Travailler comme un nègre – raciste ou pas?*”) discute como, mesmo quando usada sem intenção ofensiva, a expressão continua sendo problemática e segue sendo removida da definição do verbo “*travailler*” de dicionários formais como o Usito, da Université de Sherbrooke. Não se buscou, intencionalmente, nenhuma formulação vexatória da língua portuguesa que espelhasse o impacto da frase original, pois não se trata de encontrar uma equivalência formal ou igualmente ofensiva nesse caso, mas de reconhecer que certas expressões devem ser recusadas em sua circulação. A tradução assume, assim, um papel ético e responsável: contextualiza-se o uso da expressão racista, mas impede-se que ela ganhe espaço naturalizado no texto de chegada.

Contando com esse suporte, optou-se por traduzir essa passagem como “Fazem-me trabalhar duro”. Essa escolha mantém o sentido central, a sobrecarga física e emocional, sem reproduzir o conteúdo discriminatório que acompanha o original. Trata-se de uma decisão que busca responsabilidade ética: embora o original contenha a expressão, este projeto de tradução, portanto, se recusa a dar visibilidade ou naturalizar termos que perpetuam violências simbólicas.

Dessa forma, a escolha tradutória não visa silenciar o impacto do original, a expressão é reconhecida, comentada e recontextualizada neste capítulo, mas sua tradução segue um caminho que privilegia o sentido e rompe com os mecanismos de violência simbólica presentes na linguagem.

QUADRO 5 - Buchenwald

Une femme décharnée, spectre de Buchenwald	Uma mulher esquelética, um espectro de Buchenwald
--	---

Fonte: elaborado pela autora

No trecho “*Une femme décharnée, spectre de Buchenwald*”, traduzido como “Uma mulher esquelética, um espectro de Buchenwald”, a autora opta por uma comparação extremamente impactante: associa a magreza de uma mulher à imagem dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas, em especial ao campo de Buchenwald. Tal escolha lexicográfica carrega um peso histórico e simbólico que transcende a mera descrição física,

²²<https://www.latribune.ca/2020/06/04/-travailler-comme-un-negre---raciste-ou-pas-e5c8e93d2c9b2cf56c7e164e4a2c3c5d/>.

evocando a brutalidade do Holocausto e a desumanização sistemática imposta às vítimas do regime nazista.

A comparação é, evidentemente, inaceitável sob diversos pontos de vista éticos e morais, sobretudo por banalizar o sofrimento extremo de milhões de pessoas ao utilizar a imagem de um campo de extermínio como metáfora corporal. No entanto, optou-se por manter a referência na tradução, sem amenizações. Essa decisão está ancorada em uma postura tradutória que entende que o tradutor não deve assumir a função de suavizar ou reescrever o impacto das palavras do autor. Ao manter a imagem de Buchenwald, preserva-se a responsabilidade do discurso original, que cabe à própria autora — e não ao tradutor sustentar.

Tentar substituir ou omitir essa comparação implicaria neutralizar a força do choque pretendido no texto e, de certo modo, proteger a autora de sua própria escolha narrativa. Annie Ernaux, neste momento da obra, poderia ter recorrido a outras imagens para descrever a magreza extrema, mas optou por invocar um dos episódios mais sombrios da história do século XX. A tradução apresentada neste trabalho, portanto, age de forma ética ao não intervir nesse gesto, mas, ao mesmo tempo traz à tona, no espaço crítico da tradução comentada, a problematização que a imagem carrega.

A comparação remete ao campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha, ativo entre 1937 e 1945. Segundo informações do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos²³, aproximadamente 250.000 pessoas foram encarceradas nesse campo, onde mais de 56.000 morreram em consequência de execuções, fome, doenças e trabalho forçado (fonte). A evocação desse espaço como metáfora corporal revela a carga violenta dessa figura retórica.

Portanto, embora a comparação seja profundamente ofensiva, a decisão de mantê-la não significa conivência com o conteúdo, mas reconhecimento da necessidade de expor criticamente as tensões e implicações presentes no texto de partida. O papel do tradutor, nesse caso, é o de permitir que o discurso da autora se mantenha íntegro, inclusive em suas escolhas problemáticas, deslocando o julgamento para o espaço da leitura e da crítica.

4.2 Considerações gerais sobre a tradução

A experiência de traduzir a escrita de Annie Ernaux, marcada por luto, desintegração e memória, exige mais do que competência técnica: demanda um posicionamento crítico e atento às camadas simbólicas e subjetivas que atravessam a linguagem. Em trechos que

²³ <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/buchenwald-abridged-article>.

abordam a infantilização da mãe, sua presença espectral ou a escolha de comparações historicamente sensíveis, como as alusões ao racismo colonial ou ao Holocausto, a tradução não pode se restringir à equivalência lexical. Pelo contrário, ela deve refletir e, muitas vezes, se posicionar, expondo suas escolhas ao debate.

Como se viu nos quadros analisados, as opções adotadas variaram entre a preservação do impacto original, como no caso da imagem de Buchenwald, e a reformulação consciente, como na recusa da reprodução da expressão racista utilizada pela mãe. Em ambos os casos, buscou-se manter a integridade do gesto autoral sem reproduzir, de forma acrítica, violências simbólicas ou apagamentos.

Ao longo do diário, Ernaux faz diversas referências geográficas — cidades, regiões e até instituições específicas da França, que podem não ser imediatamente reconhecíveis por leitores brasileiros. Assim, muitas passagens provavelmente demandam o uso de notas de rodapé explicativas, a fim de contextualizar o leitor e preservar a compreensão do texto. O mesmo se aplica às frequentes menções a artistas, programas de televisão e referências culturais francesas, que fazem parte do universo simbólico da autora e contribuem para a construção do seu relato íntimo.

Além disso, certos termos e expressões idiomáticas utilizadas por Ernaux carregam nuances que exigem um cuidado maior por parte do tradutor, seja por sua especificidade cultural, seja por seu potencial afetivo.

O processo de tradução da obra revelou-se uma prática exigente e profundamente atravessada por escolhas que extrapolam o nível linguístico, convocando o tradutor a operar em um campo sensível entre a fidelidade ao texto-fonte e a responsabilidade diante do contexto de chegada. Traduzir, nesse contexto, não é apenas verter um texto de uma língua a outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho dedicou-se à análise dos desafios tradutórios presentes em *Je ne suis pas sortie de ma nuit*, diário íntimo de Annie Ernaux que documenta o processo de deterioração mental de sua mãe vítima do Alzheimer.

Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que traduzir Ernaux ultrapassa o mero exercício linguístico, trata-se de uma operação complexa que envolve mediação cultural, compromisso ético e sensibilidade literária. A autora, com sua escrita crua e despojada, constrói uma narrativa que resiste às convenções literárias tanto no plano formal quanto no temático, apresentando ao tradutor desafios específicos que exigem soluções criativas e fundamentadas.

O estudo também destacou a dimensão política inerente ao ato tradutório. Ao trazer para o português do Brasil uma obra que aborda temas como o envelhecimento, a doença mental e os desafios dos cuidadores familiares (predominantemente mulheres), este trabalho contribui para dar visibilidade a experiências frequentemente silenciadas na esfera pública. Além disso, a análise da escrita de Ernaux permitiu refletir sobre o papel da literatura como espaço de confronto com o real. Sua recusa ao sentimentalismo fácil e à estetização da dor desafia o tradutor a encontrar equivalentes na língua portuguesa que mantenham o mesmo impacto emocional sem recorrer a clichês ou fórmulas prontas. Como demonstrado nos exemplos de tradução comentada, cada escolha lexical e sintática foi cuidadosamente ponderada para preservar o caráter áspero e verdadeiro que define a obra da autora francesa.

Ainda há muito a ser dito sobre *Je ne suis pas sortie de ma nuit*. A densidade temática e estilística da obra de Annie Ernaux oferece múltiplas camadas de leitura e interpretação, que extrapolam o escopo deste trabalho. Como se trata de uma proposta de tradução parcial e comentada nos limites de um trabalho de conclusão de curso, não seria possível abarcar todos os comentários possíveis nem esgotar os sentidos que o texto suscita.

A tradução de autobiografias também desafia hierarquias literárias que frequentemente privilegiam a ficção em detrimento de narrativas pessoais, como aponta Lejeune, há um preconceito contra autobiografias “autênticas”. Este trabalho espera ter contribuído tanto para os estudos de tradução literária quanto para a discussão mais ampla sobre memória, cuidado e envelhecimento em nossa sociedade. A tradução, neste caso, mostrou-se verdadeiramente como um ato de preservação das palavras, das experiências e, fundamentalmente, daquilo que resiste ao esquecimento.

Este estudo abre caminho para diversas possibilidades de pesquisa futura. Primeiro, seria valioso expandir a análise para uma tradução integral da obra, permitindo examinar como os desafios aqui identificados se manifestam ao longo do texto completo. Segundo, poderá investigar como outras obras de Ernaux, particularmente aquelas que também lidam com memória e doença, apresentam dificuldades tradutórias semelhantes ou distintas.

Concluo reafirmando a importância de traduzir autoras como Annie Ernaux para o contexto brasileiro. Sua obra, ao tratar de temas universais por meio de uma linguagem singular, oferece um registro literário excepcional e também ferramentas para pensarmos questões sociais urgentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jamile Oliveira. *A tradução como ato político de resistência*. Salvador: EDUNEB, 2023.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARROJO, Rosemary. A tradução como leitura e como reescrita. *Tradução e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Jeanne Marie. (org.) *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BERMAN, A. et al. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tubarão: Copiart ; Florianópolis, 2012.

BERMAN, A. *A Prova Do Estrangeiro*. Cultura E Tradução Na Alemanha Romântica. Antoine Berman. Livro em Português (Brasil). Editora: EDUSC, BAURÚ, SP. Ano: 2002

ERNAUX, Annie. *Je ne suis pas sortie de ma nuit*. Paris: Gallimard, 1997.

ERNAUX, Annie. *L'Écriture comme un couteau*. Paris: Stock, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização, tradução e prefácio de Jovita Maria Geronimo Noronha e Maria Inês Cordeiro Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill, 1964.

OUSTINOFF, Michael. *Tradução: história, teorias e métodos*. tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RODRIGUES, C. C. *Tradução: a questão da equivalência*. Alfa (São Paulo), v.44, n.esp., 2000.

SITES, REVISTAS E JORNAIS ONLINE:

CORREIO BRAZILIENSE. *Denúncias de abandono de idosos crescem 68% no DF em dois anos*. Brasília, 28 mar. 2025. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2025/03/7087172-denuncias-de-abandono-de-idosos-crescem-68-no-df-em-dois-anos.html>. Acesso em: 4 jul. 2025.

EXPRESSIO.FR. *Travailler comme un nègre*. Disponível em: <https://www.expressio.fr/expressions/travailler-comme-un-negre>. Acesso em: 01 jul. 2025.

LA TRIBUNE. *Travailler comme un nègre – raciste ou pas?* 2020. Disponível em: <https://www.latribune.ca/2020/06/04/-travailler-comme-un-negre---raciste-ou-pas-e5c8e93d2c9b2cf56c7e164e4a2c3c5d/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

LAVAUULT, Maya. *Le « nouveau roman » d'Annie Ernaux : un récit impossible ?* Fabula-LhT, n.º 13, La Bibliothèque des textes fantômes, nov. 2014. DOI: 10.58282/lht.1388. Disponível em: <https://www.fabula.org/lht/13/lavault.html>. Acesso em: 20 jun. 2025 .

REVISTA PESQUISA FAPESP. *Ao menos 1,76 milhão de pessoas têm alguma forma de demência no Brasil*. São Paulo, 19 jun. 2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ao-menos-176-milhao-de-pessoas-tem-alguma-forma-de-demencia-no-brasil/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Buchenwald – Abridged article*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/buchenwald-abridged-article>. Acesso em: 01 jul. 2025.

WIKTIONARY. *travailler comme un nègre*. Disponível em: https://fr.wiktionary.org/wiki/travailler_comme_un_n%C3%A8gre. Acesso em: 01 jul. 2025.

APÊNDICE - Tradução

Je ne suis pas sortie de ma nuit - Annie Ernaux

Original	Versão 1	Versão Final
Je ne suis pas sortie de ma nuit	Eu não consegui passar minha noite	Não há saída para minha noite
Ma mère a commencé de présenter des pertes de mémoire et des bizarreries de comportement deux ans après un grave accident de la circulation – elle avait été fauchée par une voiture brûlant un feu rouge – dont elle s’était parfaitement remise. Pendant plusieurs mois, elle a pu continuer de vivre d’une manière autonome dans la résidence pour personnes âgées où elle occupait un studio, à Yvetot, en Normandie. L’été 85, au plus fort de la canicule, elle a été prise d’un malaise et hospitalisée.	Minha mãe começou apresentar as perdas de memória e os comportamentos bizarros dois anos depois de um grave acidente de trânsito - ela foi atropelada por um carro que atravessou o sinal vermelho, do qual ela se recuperou perfeitamente. Durante alguns meses, ela continuou vivendo de maneira autônoma na residência para idosos (asilo, talvez, ou casa de repouso) onde ela ocupava um estúdio (ou apartamento), em Yvetot, na Normandia. No verão de 85, em uma grande onda de calor, ela foi pega por uma doença e hospitalizada.	Minha mãe começou apresentar perdas de memória e comportamentos bizarros dois anos depois de um grave acidente de trânsito — ela foi atropelada por um carro que furou o sinal vermelho — do qual ela se recuperou perfeitamente. Durante alguns meses, ela pôde continuar vivendo de maneira autônoma na casa de repouso, onde ela ocupava um estúdio, em Yvetot, na Normandia. No verão de 85, no auge de uma onda de calor, ela sentiu-se mal e foi hospitalizada.
On a découvert qu’elle ne mangeait ni ne buvait depuis plusieurs jours. Son frigidaire ne contenait qu’un paquet de sucre en morceaux. Il était impossible qu’elle reste seule désormais. J’ai décidé de l’emmener chez moi, à Cergy, persuadée que dans ce cadre qui lui était familier, avec la présence de mes grands fils, Éric et David, qu’elle m’a aidée à élever, ses troubles disparaîtraient, qu’elle redeviendrait la femme dynamique et indépendante qu’elle était encore si peu de temps auparavant.	Descobriram que ela não comia e nem bebia há dias. Sua geladeira não havia mais que um pacote de açúcar em cubos. Era impossível que ela continuasse sozinha a partir de agora. Eu decidi levá-la para morar na minha casa, em Cergy, convencida que nesse espaço que lhe era familiar, com a presença dos meus filhos grandes, Éric e David, que ela me ajudou a cuidar, seus problemas desapareceriam, que ela voltaria a ser a mulher dinâmica e	Descobriram que ela não comia nem bebia há dias. Sua geladeira não tinha mais que um pacote de açúcar. Era impossível que ela continuasse sozinha a partir de agora. Eu decidi levá-la para morar na minha casa, em Cergy, convencida que nesse ambiente que lhe era familiar, com a presença dos meus filhos grandes, Éric e David, que ela me ajudou a cuidar, seus problemas desapareceriam, que

	independente que ela havia sido pouco tempo antes.	ela voltaria a ser a mulher dinâmica e independente que ela havia sido pouco tempo atrás.
Il n'en a rien été. La détérioration de sa mémoire s'est poursuivie et le médecin a évoqué la maladie d'Alzheimer. Elle a cessé de reconnaître les lieux et les personnes, mes enfants, mon ex-mari, moi-même. Elle est devenue une femme égarée, parcourant la maison en tous sens ou demeurant assise des heures sur les marches de l'escalier dans le couloir. En février 84, devant sa prostration et son refus de s'alimenter, le médecin l'a fait transporter à l'hôpital de Pontoise.	Não foi isso que aconteceu. A deterioração de sua memória continuou e o médico sugeriu doença de Alzheimer. Ela parou de reconhecer lugares e pessoas, meus filhos, meu ex-marido, eu mesma. Ela se tornou uma mulher perdida, vagando pela casa ou sentada por horas nos degraus do corredor. Em fevereiro de 1984, diante de sua prostração e recusa em comer, o médico a levou para o hospital em Pontoise.	Não foi isso que aconteceu. A deterioração de sua memória continuou e o médico mencionou a doença de Alzheimer. Ela parou de reconhecer lugares e pessoas, meus filhos, meu ex-marido, a mim própria. Ela se tornou uma mulher perdida, vagando pela casa ou sentada durante horas nos degraus do corredor. Em fevereiro de 1984, diante de sua prostração e recusa em comer, o médico a levou para o hospital em Pontoise.
Elle y a séjourné deux mois, effectuant ensuite un bref passage dans un établissement privé avant d'être admise de nouveau à l'hôpital de Pontoise, dans le service de gériatrie où elle est décédée d'une embolie en avril 86, à soixante-dix-neuf ans.	Ela ficou dois meses, depois fez uma breve passagem por um estabelecimento privado antes de ser internada novamente no hospital de Pontoise, no departamento de geriatria, onde morreu de embolia em abril de 1986, aos setenta e nove anos.	Ela ficou lá por dois meses, depois fez uma breve internação em uma instituição privada antes de ser admitida novamente no hospital de Pontoise, no departamento de geriatria, onde morreu de embolia em abril de 1986, aos setenta e nove anos.
C'est dans la période où elle était encore chez moi que je me suis mise à noter sur des bouts de papier, sans date, des propos, des comportements de ma mère qui me remplissaient de terreur. Je ne pouvais supporter qu'une telle dégradation frappe ma mère.	Foi no período onde ela ainda morava comigo que comecei a anotar em pedaços de papel, sem data, observações, comportamentos de minha mãe que me enchiam de terror. Eu não suportava ver tal degradação acontecer com minha mãe.	Foi nesse período em que ela ainda morava comigo que comecei a anotar em pedaços de papel, sem data, observações, comportamentos de minha mãe que me enchiam de terror. Eu não suportava ver minha mãe sofrer tamanha degradação.
Un jour, j'ai rêvé que je lui criais avec colère : « Arrête d'être folle ! » Par la suite, quand je revenais de	Um dia, sonhei que estava gritando com raiva para ela:	Um dia, sonhei que estava gritando com raiva para ela:

la voir à l'hôpital de Pontoise, il me fallait à toute force écrire sur elle, ses paroles, son corps, qui m'était de plus en plus proche. J'écrivais très vite, dans la violence des sensations, sans réfléchir ni chercher d'ordre. Sans cesse, partout, j'avais l'image de ma mère en ce lieu.	"Pare de ser louca!" Após isso, quando voltei de um encontro com ela no hospital em Pontoise, eu tinha que escrever sobre ela, suas palavras, seu corpo, que estava cada vez mais próximo de mim. Escrevi muito rapidamente, na violência das sensações, sem pensar ou procurar uma ordem. O tempo todo, em todos os lugares, eu tinha a imagem de minha mãe naquele lugar.	"Pare de ser louca!" Depois disso, quando voltava para vê-la no hospital de Pontoise, eu tinha que escrever sobre ela, suas palavras, seu corpo, que estava cada vez mais próximo de mim. Escrevia muito rápido, com violência das sensações, sem pensar nem procurar uma ordem. Sem parar, em todos os lugares, eu tinha a imagem de minha mãe naquele lugar.
Fin 85, j'ai entrepris un récit de sa vie, avec culpabilité. J'avais l'impression de me placer dans le temps où elle ne serait plus. Je vivais aussi dans le déchirement d'une écriture où je l'imaginais, jeune, allant vers le monde, et le présent des visites qui me ramenait à l'inexorable dégradation de son état.	No final de 85, comecei a narração da vida dela, com um sentimento de culpa. Tive a impressão de estar me colocando na época em que ela não estaria mais viva. Eu vivi também o sofrimento de uma escritura onde eu a imaginava como uma jovem mulher, saindo pelo mundo, e o presente de suas visitas, o que me reestabeleceu de volta à inexorável deterioração de sua condição.	No final de 85, comecei o relato da vida dela, com um sentimento de culpa. Tive a impressão de estar me colocando na época em que ela não estaria mais presente. Eu vivia também o dilema de escrever como eu a imaginava, como uma jovem mulher, saindo pelo mundo, e o presente das visitas, o que me trouxe de volta à inexorável deterioração de seu estado.
À la mort de ma mère j'ai déchiré ce début de récit, en recommençant un autre qui est paru en 88, <i>Une femme</i>. Durant tout le temps que j'ai écrit ce livre, je n'ai pas relu les pages rédigées pendant la maladie de ma mère. Elles m'étaient comme interdites : j'avais consigné ses derniers mois, ses derniers jours, l'avant-dernier même, sans savoir qu'ils l'étaient. Cette inconscience de la suite – qui caractérise peut-être toute écriture, la mienne sûrement – avait ici un aspect effrayant. D'une certaine façon, ce journal des visites me	Na morte da minha mãe rasguei o início da narração e comecei outra, <i>Une Femme</i>, que saiu em 88. Durante todo o tempo em que estava escrevendo esse livro, não reli as páginas que havia escrito durante a doença de minha mãe. Era como se elas fossem proibidas para mim: eu havia registrado seus últimos meses, seus últimos dias, até mesmo seu penúltimo dia, sem saber que era assim. Esse desconhecimento do que estava por vir - que talvez	Na morte da minha mãe rasguei o início de um relato e comecei outro, <i>Une Femme</i>, publicado em 88. Durante todo o tempo em que estava escrevendo esse livro, não reli as páginas redigidas durante a doença de minha mãe. Era como se elas fossem proibidas para mim: eu havia registrado seus últimos meses, seus últimos dias, até mesmo seu penúltimo dia, sem saber que eram os últimos. Essa inconsciência do que estava por

conduisait vers la mort de ma mère.	seja uma característica de toda escrita, e certamente da minha - tinha um aspecto assustador. De certa forma, esse diário de visitas estava me levando em direção à morte de minha mãe.	vir — que talvez seja uma característica de toda escrita, e certamente da minha — tinha um aspecto assustador. De certa forma, esse diário de visitas estava me levando em direção à morte de minha mãe.
Longtemps, j'ai pensé que je ne le publierais jamais. Peut-être désirais-je laisser de ma mère et de ma relation avec elle, une seule image, une seule vérité, celle que j'ai tenté d'approcher dans <i>Une femme</i> . Je crois maintenant que l'unicité, la cohérence auxquelles aboutit une œuvre – quelle que soit par ailleurs la volonté de prendre en compte les données les plus contradictoires – doivent être mises en danger toutes les fois que c'est possible. En rendant publiques ces pages, l'occasion s'en présente pour moi.	Durante muito tempo, achei que nunca o publicaria. Talvez eu quisesse deixar uma única imagem de minha mãe e de meu relacionamento com ela, uma única verdade, aquela que tentei aproximar em <i>Une Femme</i> . Acredito agora na singularidade e a coerência alcançadas por uma obra - independentemente do desejo de levar em conta os dados mais contraditórios - devem ser colocadas em risco sempre que possível. Ao publicar estas páginas novamente, a oportunidade surge para mim.	Durante muito tempo, pensei que nunca o publicaria. Talvez eu desejasse deixar uma única imagem de minha mãe e de meu relacionamento com ela, uma única verdade, aquela que tentei aproximar em <i>Une Femme</i> . Acredito agora na singularidade e a coerência alcançadas por uma obra — independentemente do desejo de levar em conta os dados mais contraditórios — devem ser colocadas em risco sempre que possível. Ao tornar essas páginas públicas, a oportunidade se apresenta para mim.
Je les livre telles qu'elles ont été écrites, dans la stupeur et le bouleversement que j'éprouvais alors. Je n'ai rien voulu modifier dans la transcription de ces moments où je me tenais près d'elle, hors du temps – sinon peut-être celui d'une petite enfance retrouvée –, de toute pensée, sauf : « c'est ma mère ».	Eu as deixo livres, como foram escritas, no estupor e na revolta que senti na época. Eu não queria mudar nada na transcrição daqueles momentos em que eu estava perto dela, fora do tempo - exceto, talvez, uma infância redescoberta -, fora de qualquer pensamento, exceto: "Esta é minha mãe".	Eu as deixo livres, como foram escritas, no estupor e na revolta que senti na época. Eu não queria modificar nada na transcrição desses momentos em que eu estava perto dela, fora do tempo — exceto, talvez, uma infância recuperada —, sem nenhum pensamento, exceto: “é minha mãe”.
Ce n'était plus la femme que j'avais toujours connue au-dessus de ma vie, et pourtant, sous sa figure inhumaine, par sa voix, ses gestes, son rire, c'était ma mère, plus que jamais. En aucun cas, on ne lira ces pages comme un témoignage objectif sur le « long séjour » en maison de retraite, encore moins comme une dénonciation (les soignantes	Ela não era mais a mulher que eu sempre conheci, que se elevava sobre minha vida e, no entanto, sob sua figura desumana, em sua voz, seus gestos, seu riso, ela era minha mãe, mais do que nunca. Em nenhuma circunstância estas páginas serão lidas como um testemunho objetivo da “longa estadia” na casa de repouso, nem	Ela não era mais a mulher que eu sempre conheci e que estava acima da minha vida e, no entanto, por baixo de sua figura desumana, por sua voz, seus gestos, seu riso, era minha mãe, mais do que nunca. Em nenhum caso estas páginas devem ser lidas como um testemunho objetivo da “longa

étaient, dans leur majorité, d'un dévouement attentif), seulement comme le résidu d'une douleur.	mesmo uma denúncia (a maioria dos cuidadores era dedicada e atenciosa), apenas como o resíduo de dor.	estadia" na casa de repouso, muito menos uma denúncia (a maioria das cuidadoras era dedicada e atenciosa), mas apenas como o resíduo de dor.
« Je ne suis pas sortie de ma nuit » est la dernière phrase que ma mère a écrite. Souvent, je rêve d'elle, telle qu'elle était avant sa maladie. Elle est vivante mais elle a été morte. Quand je me réveille, pendant une minute, je suis sûre qu'elle vit réellement sous cette double forme, morte et vivante à la fois, comme ces personnages de la mythologie grecque qui ont franchi deux fois le fleuve des morts.	"Eu não consegui passar minha noite" foi a última frase que minha mãe escreveu. Frequentemente sonho com ela, como era antes de ficar doente. Ela está viva, mas <i>estava morta</i> . Quando acordo, por um minuto, tenho certeza de que ela está realmente viva nessa forma dupla, morta e viva ao mesmo tempo, como aqueles personagens da mitologia grega que atravessaram o rio dos mortos duas vezes.	“Não há saída para minha noite”, foi a última frase que minha mãe escreveu. Frequentemente sonho com ela, como era antes de ficar doente. Ela está viva, mas <i>ela morreu</i> . Quando eu acordo, por um minuto, tenho a certeza de que ela vive realmente nessa dupla forma, morta e viva ao mesmo tempo, como aqueles personagens da mitologia grega que atravessaram o rio dos mortos duas vezes.
Elle reste assise sur une chaise, dans la salle de séjour. Prostrée, le visage immobile, relâché. Pas la bouche ouverte mais comme si elle était ouverte, de loin.	Ela está sentada em uma cadeira na sala de estar. Prostrada, seu rosto está imóvel, relaxado. Sua boca não está aberta, mas como se estivesse aberta vista de longe.	Ela permanece sentada em uma cadeira na sala de estar. Prostrada, com o rosto imóvel, relaxado. A boca não está aberta, mas é como se estivesse aberta, vista de longe.
« Je n'arrive pas à mettre la main dessus », dit-elle (sa trousse de toilette, son gilet, tout). Les choses lui échappent.	"Não consigo colocar as mãos nisso", diz ela (sua bolsa de banheiro, seu colete, tudo). As coisas lhe escapam.	“Não consigo encontrar”, diz ela (sua bolsa de higiene, seu colete, tudo). As coisas lhe escapam.
Elle veut voir la télé tout de suite. Il lui est impossible d'attendre que j'aie débarrassé la table. Maintenant elle ne comprend plus rien, que son désir.	Ela quer ver a TV imediatamente. Ela não pode esperar que eu limpe a mesa. Agora ela não entende nada além de seu próprio desejo.	Ela quer ver televisão agora mesmo. É impossível para ela esperar que eu limpe a mesa. Agora ela não compreende nada além de seu próprio desejo.
Chaque soir, nous montons la coucher, David et moi. À l'endroit où le parquet devient de la moquette, elle lève haut la jambe, comme si elle entrait dans l'eau. On rit, elle rit aussi. Tout à l'heure, une fois qu'elle a été dans son lit, joyeuse, qu'elle a renversé tous les objets de la table de nuit en voulant	Todas as noites, David e eu subimos as escadas para colocá-la na cama. No ponto em que o parquet se transforma em carpete, ela levanta a perna bem alto, como se estivesse entrando na água. Nós rimos e ela ri também. Agora mesmo, quando ela estava na cama, feliz, e havia	Todas as noites, David e eu a colocamos para dormir. No lugar em que o assoalho se torna carpete, ela levanta a perna bem alto, como se estivesse entrando na água. Nós rimos e ela ri também. Há pouco, uma vez que ela estava na cama, alegre, e de ter

se mettre de la crème, elle me dit : « Je vais dormir, merci MADAME. »	derrubado todas as coisas no criado-mudo ao tentar passar creme em si mesma, ela me disse: "Vou dormir, obrigada, senhora".	derrubado todas as coisas na mesa de cabeceira ao tentar passar creme, ela me disse: "Vou dormir, obrigada, SENHORA".
Le docteur est venu. Elle n'a pas pu dire son âge. Elle s'est très bien souvenue qu'elle avait eu deux enfants. « Deux filles », a-t-elle précisé. Elle avait enfilé deux soutiens-gorge l'un par-dessus l'autre. Je me suis rappelé le jour où elle avait découvert que j'en portais un sans que je le lui aie dit. Ses cris. J'avais quatorze ans, c'était en juin, un matin. J'étais en combinaison et me lavais la figure.	O médico veio. Ela não sabia dizer quantos anos tinha. Ela se lembrava muito bem de que tinha tido dois filhos. "Duas meninas", ela. Ela havia colocado dois sutiãs, um em cima do outro. Eu me lembrei o dia em que ela descobriu que eu estava usando um sem que eu lhe dissesse. Seus gritos. Eu tinha quatorze anos, era junho, em uma manhã. Eu estava usando um macacão e lavando o rosto.	O médico veio. Ela não conseguiu dizer sua idade. Ela se lembrava muito bem de que teve dois filhos. "Duas meninas", precisamente. Ela havia colocado dois sutiãs, um em cima do outro. Eu me lembrei o dia em que ela descobriu que eu estava usando um sem que eu lhe dissesse. Seus gritos. Eu tinha quatorze anos, era junho, em uma manhã. Eu estava usando um macacão e lavando o rosto.
J'ai recommencé d'avoir mal à l'estomac. Je n'ai plus de colère contre elle, ses pertes de mémoire. Une grande indifférence. Nous sommes allées au centre commercial. Elle a voulu acheter le sac le plus cher de la Bagagerie, un sac de cuir noir. Elle répétait : « Je veux le plus beau, c'est mon dernier sac. »	Comecei a me sentir mal do estômago. Não estou mais com raiva dela, de sua perda de memória. Estou indiferente. Fomos ao shopping center. Ela queria comprar a bolsa mais cara da Bagagerie, uma bolsa de couro preta. Ela ficava repetindo: "Quero a mais bonita, é minha última bolsa".	Comecei a sentir dor no estômago novamente. Eu não sinto mais raiva dela, de sua perda de memória. Estou indiferente. Fomos ao shopping. Ela queria comprar a bolsa mais cara da Bagagerie, uma bolsa de couro preta. Ela ficava repetindo: "Quero a mais bonita, é minha última bolsa".
Ensuite je l'ai emmenée à la Samaritaine. Une robe et un cardigan, cette fois. Elle marche lentement et je dois la guider. Elle rit sans raison. Les vendeuses nous regardent bizarrement, paraissent gênées. Je ne le suis pas, je les toise avec arrogance.	Depois a levei à Samaritaine. Dessa vez, um vestido e um cardigã. Ela anda devagar e eu tenho que guiá-la. Ela ri sem motivo. Os vendedores da loja olham para nós de forma estranha, envergonhados. Eu não estou, apenas os encaro com arrogância.	Depois a levei à Samaritaine. Dessa vez, um vestido e um cardigã. Ela anda devagar e eu tenho que guiá-la. Ela ri sem motivo. Os vendedores da loja nos olham de forma estranha, parecem incomodados. Eu não estou incomodada, os encaro com arrogância.
Elle a demandé à Philippe, anxieusement : « Qui êtes-vous par rapport à ma fille ? » Il s'esclaffe : « Son mari ! » Elle rit.	Ela perguntou a Philippe, ansiosa: "Quem é você em relação à minha filha?" Ele riu: "Seu marido!" Ela riu.	Ela perguntou a Philippe, ansiosamente: "Quem é você em relação à minha filha?" Ele riu: "Marido dela!" Ela riu.
1984	1984	1984

janvier Toujours, elle confond sa chambre et mon bureau. Elle ouvre la porte de celui-ci, s'aperçoit de son erreur, referme doucement, je vois la clenche remonter, comme s'il n'y avait personne derrière la porte. Une sorte d'angoisse. Dans une heure, cela recommencera. Elle ne sait plus où elle est.	Janeiro Ela sempre confunde seu quarto com meu escritório. Ela abre a porta, percebe que cometeu um erro, fecha-a com cuidado, e eu vejo o trinco subir, como se não houvesse ninguém atrás da porta. Uma espécie de angústia. Em uma hora, isso acontecerá novamente. Ela não sabe mais onde está.	Janeiro Ela sempre confunde seu quarto com meu escritório. Ela abre a porta, percebe seu erro, fecha a porta com cuidado, e eu vejo a maçaneta subir, como se não houvesse ninguém atrás da porta. Uma espécie de angústia. Em uma hora, isso acontecerá novamente. Ela não sabe mais onde está.
Elle cache ses culottes souillées sous son oreiller. Cette nuit, j'ai pensé à ses culottes pleines de sang qu'elle enfouissait sous la pile de linge sale dans le grenier jusqu'au jour de la lessive. J'avais sept ans environ, je les regardais, fascinée. Et maintenant, elles sont pleines de merde.	Ela esconde as calcinhas sujas debaixo do travesseiro. Naquela noite, pensei nas calcinhas ensanguentadas que ela costumava enterrar sob a pilha de roupas sujas no sótão até o dia da lavanderia. Quando eu tinha uns sete anos, costumava ficar olhando para elas, fascinada. E agora elas estão cheias de merda.	Ela esconde suas calcinhas sujas debaixo do travesseiro. Esta noite pensei nas calcinhas cheias de sangue que ela costumava enterrar debaixo da pilha de roupas sujas no sótão até o dia da lavagem. Eu tinha cerca de sete anos, costumava ficar olhando para elas, fascinada. E agora elas estão cheias de merda.
Ce soir, je corrigeais des copies. Sa voix s'est élevée, calme, comme au théâtre, dans le séjour à côté. Elle parlait à une enfant invisible : « Il est tard, ma petite fille, il faut rentrer chez toi. » Elle riait, tout enjouée. J'ai mis mes mains sur mes oreilles, il m'a semblé que je sombrais dans quelque chose d'inhumain. Je ne suis pas au théâtre, C'EST MA MÈRE QUI PARLE TOUTE SEULE.	Esta noite eu estava corrigindo alguns trabalhos. A voz dela veio da sala de estar ao lado, calma, como se estivesse no teatro. Ela estava falando com uma criança invisível: "É tarde, minha garotinha, tem que ir para casa". Ela riu de brincadeira. Coloquei as mãos sobre os ouvidos e senti como se estivesse afundando em algo desumano. Não estou em um teatro, é a minha mãe falando consigo mesma.	Esta noite eu estava corrigindo provas. Sua voz se elevou, calma, como no teatro, na sala ao lado. Ela falava com uma criança invisível: "É tarde, minha garotinha, tem que ir para sua casa". Ela ria, toda alegre. Coloquei as mãos nos ouvidos, parecia estar afundando em algo desumano. Não estou no teatro, É MINHA MÃE FALANDO SOZINHA.
J'ai trouvé une lettre qu'elle avait commencée : « Chère Paulette, je ne suis pas sortie de ma nuit. » Maintenant, elle ne peut plus écrire. Ce sont comme les mots d'une autre femme. C'était il y a un mois.	Encontrei uma carta que ela havia começado: "Querida Paulette, ainda não saí da minha noite". Agora ela não pode mais escrever. É como se fossem palavras de outra mulher. Isso foi há um mês.	Encontrei uma carta que ela havia começado: "Querida Paulette, não há saída para minha noite". Agora ela não pode mais escrever. É como se fossem palavras de outra mulher. Isso foi há um mês.
février	Fevereiro	Fevereiro

À table, elle parle comme si elle était employée dans une ferme, mes fils, des commis et moi la patronne. Elle ne veut rien d'autre que des petits- suisses et des sucreries. Isabelle (ma nièce) a déjeuné chez nous dimanche, pouffant à tous les propos aberrants de ma mère. Nous seuls avons le droit de rire des choses folles de ma mère, nous, les enfants, moi, pas elle. Pas les gens extérieurs. Éric et David disent : « Elle est trop, grand-mère ! » Comme si, dans sa démence, elle restait encore extraordinaire.	À mesa, ela fala como se estivesse trabalhando em uma fazenda, meus filhos são funcionários e eu sou o chefe. Tudo o que ela quer são queijos suíços e doces. Isabelle (minha sobrinha) almoçou conosco no domingo, rindo de tudo o que minha mãe dizia. Somente nós temos o direito de rir das loucuras da minha mãe - nós, os filhos, eu, não ela. Não as pessoas de fora. Éric e David dizem: "Vovó é demais!" Como se, em sua demência, ela ainda fosse extraordinária.	À mesa, ela fala como se fosse uma empregada em uma fazenda, meus filhos são funcionários e eu sou a patroa. Tudo o que ela quer são <i>Petit suisse</i> e doces. Isabelle (minha sobrinha) almoçou conosco no domingo, rindo de toda as palavras absurdas da minha mãe. Somente nós temos o direito de rir das loucuras da minha mãe. Nós, os filhos, eu, não ela. Não as pessoas de fora. Éric e David dizem: "Vovó é demais!" Como se, em sua demência, ela ainda fosse extraordinária.
Elle s'est levée ce matin et d'une petite voix : « J'ai fait pipi au lit, ça m'a échappé. » Les mots que je disais quand cela m'arrivait dans mon enfance.	Ela acordou esta manhã e disse em voz baixa: "Fiz xixi na cama, me escapou". As palavras que eu costumava dizer quando isso acontecia comigo quando era criança.	Ela acordou esta manhã e disse em voz baixa: "Fiz xixi na cama, me escapou". As palavras que eu dizia quando isso me acontecia na minha infância.
Samedi, vomi son café. Elle était couchée, inerte. Ses yeux avaient rapetissé, ils étaient bordés de rouge. Je l'ai déshabillée pour la changer. Son corps est blanc et mou. Après, je pleure. C'est à cause du temps, d'autrefois. Et c'est aussi mon corps que je vois. J'ai peur qu'elle meure. Je la préfère folle.	No sábado, ela vomitou seu café. Ela estava deitada, inerte. Seus olhos estavam encolhidos e com bordas vermelhas. Eu a despi para trocar suas roupas. Seu corpo estava branco e mole. Então comecei a chorar. É por causa do tempo, por causa do passado. E também é o meu corpo que eu vejo. Tenho medo de que ela morra. Prefiro que ela fique louca.	No sábado, vomitou seu café. Ela estava deitada, inerte. Seus olhos estavam menores e com bordas vermelhas. Eu a despi para trocar suas roupas. Seu corpo estava branco e mole. Depois, comecei a chorar. É por causa do tempo, do passado. E também é o meu corpo que eu vejo. Tenho medo que ela morra. Eu a prefiro louca.
lundi 25 Nous avons attendu deux heures aux urgences, ma mère couchée sur un brancard. Elle a fait pipi. Un garçon avait voulu se suicider aux barbituriques. Nous sommes entrées dans la pièce des consultations, ma mère a été	segunda-feira, 25 Esperamos duas horas no pronto-socorro, minha mãe deitada numa maca. Ela fez xixi. Um rapaz havia tentado suicídio com barbitúricos. Entramos na sala de consultas, minha mãe foi deitada na mesa. O residente	segunda-feira, 25 Esperamos duas horas no pronto-socorro, minha mãe deitada numa maca. Ela fez xixi. Um rapaz havia tentado se suicidar com barbitúricos. Entramos na sala de consultas, minha mãe foi deitada na mesa.

allongée sur la table. L’interne a relevé sa chemise jusqu’au ventre. Ses cuisses, son sexe blanc, quelques vergetures. D’un seul coup, ce fut comme si c’était moi, exhibée ainsi.	levantou sua camisa até o ventre. Suas coxas, seu sexo branco, algumas estrias. De repente, foi como se fosse eu, exposta assim.	O residente levantou sua blusa até a barriga. Suas coxas, sua genitália branca, algumas estrias. De repente, foi como se fosse eu, exposta assim.
Pensé à la chatte qui est morte quand j’avais quinze ans, elle avait uriné sur mon oreiller avant de mourir. Et au sang, aux humeurs que j’avais perdus avant d’avorter, il y a vingt ans.	Pensei na gata que morreu quando eu tinha quinze anos — ela urinou no meu travesseiro antes de morrer. E no sangue, nos líquidos que perdi antes de abortar, há vinte anos.	Pensei na gata que morreu quando eu tinha quinze anos — ela urinou no meu travesseiro antes de morrer. E no sangue, nos líquidos que perdi antes de abortar, há vinte anos.
mars jeudi 15 Dans le couloir de l’hôpital – non, dire la maison de retraite de l’hôpital, premier étage – j’entends : « Annie ! » C’est elle qui m’appelle, on l’a changée de chambre. Comment a-t-elle reconnu ma silhouette, elle ne voit plus, ou si mal (sa cataracte). Quand j’entre dans la chambre, elle dit « je suis sauvée ». Sans doute cela veut dire « parce que tu es là ». Elle me raconte toutes sortes de faits, avec des détails précis : les travaux qu’on l’oblige à faire, sans la payer, sans lui donner à boire. Une affabulation débordante. Mais elle me reconnaît toujours maintenant, à l’inverse du temps où elle était chez moi.	março quinta-feira, 15 No corredor do hospital — não, dizer: a casa de repouso do hospital, primeiro andar — ouço: “Annie!” É ela que me chama, trocaram-na de quarto. Como reconheceu minha silhueta, se ela já não enxerga mais, ou tão mal (a catarata)? Quando entro no quarto, ela diz: “Estou salva.” Provavelmente quer dizer “porque você está aqui.” Conta-me todo tipo de coisas, com detalhes precisos: os trabalhos que a obrigam a fazer, sem pagar, sem dar água. Uma fabulação sem freios. Mas agora ela sempre me reconhece, ao contrário do tempo em que estava comigo.	março quinta-feira, 15 No corredor do hospital — não, melhor dizer a casa de repouso do hospital, primeiro andar — ouço: “Annie!” É ela que me chama, trocaram-na de quarto. Como reconheceu minha silhueta, se ela já não enxerga mais, ou tão mal (sua catarata). Quando entro no quarto, ela diz: “Estou salva.” Sem dúvida quer dizer “porque você está aqui.” Ela me conta todo tipo de coisas, com detalhes precisos: os trabalhos que a obrigam a fazer, sem lhe pagar, sem lhe dar de beber. Uma fantasia desbordante. Mas agora ela sempre me reconhece, ao contrário de quando morava na minha casa.
samedi 17 M’accueille très mal. Renfrognée : « Tes visites ne me font pas plaisir ! Comment tu te conduis, tu n’as pas honte ? » Je suis dans une stupeur sans nom, je viens de passer la nuit avec A., à faire l’amour. Comment SAIT-ELLE ? La croyance de mon	sábado, 17 Recebe-me muito mal. Carrancuda: “Suas visitas não me agradam! Como você se comporta, não tem vergonha?” Estou num estado de estupor sem nome, acabo de passar a noite com A., fazendo amor. Como é	sábado, 17 Ela me recebe muito mal. Carrancuda: “Suas visitas não me agradam! Como você se comporta, não tem vergonha?” Estou num estado de estupor indescritível, acabo de passar a noite com A., fazendo amor.

enfance me submerge, son œil capable de tout voir, comme Dieu, dans la tombe de Caïn. Elle ajoute : « C'est pas possible, on t'avait donné de la drogue ! » Plus tard : « Je me dis que le monde est devenu fou ! » Je ris, soulagée en partie. Jamais femme ne sera plus proche de moi, jusqu'à être comme en moi.	que ELA SABE? A crença da infância me invade, o olhar dela que tudo vê, como Deus, na tumba de Caim. Acrescenta: “Não é possível, te deram alguma droga!” Mais tarde: “Eu me digo que o mundo ficou louco!” Rio, aliviada em parte. Nenhuma mulher será mais próxima de mim — até estar como dentro de mim.	Como é que ELA SABE? A crença da minha infância me submerge, seu olho capaz de ver tudo, como Deus, no túmulo de Caim. Ela acrescenta: “Não é possível, te deram alguma droga!” Mais tarde: “Eu acho que o mundo ficou louco!” Eu rio, aliviada em parte. Nenhuma mulher será mais próxima de mim, a ponto de ser como eu.
dimanche 18 Il était sept heures du soir, elle dormait déjà. Je l'ai réveillée. Elle croit que sa voisine de lit est un petit garçon, qui vient de se noyer dans un bassin : « Les gendarmes étaient assis devant, sur un banc. Ils n'ont rien fait pour le sauver. » Brusquement, elle me dit : « Alors c'est dans quinze jours le mariage ? » (Or, demain, je vois l'avocate pour demander le divorce.)	domingo, 18 Eram sete da noite, ela já dormia. Eu a acordei. Ela acredita que sua vizinha de leito é um menininho, que acaba de se afogar num tanque: “Os gendarmes estavam sentados na frente, num banco. Não fizeram nada para salvá-lo.” De repente, ela me diz: “Então o casamento é daqui a quinze dias?” (Mas amanhã, vou ver a advogada para pedir o divórcio.)	domingo, 18 Eram sete horas da noite, ela já estava dormindo. Eu a acordei. Ela acredita que seu vizinho de cama é um menininho, que acabou de se afogar na piscina: “Os guardas estavam sentados em frente, em um banco. Não fizeram nada para salvá-lo.” De repente, ela me diz: “Então o casamento é daqui a quinze dias?” (No entanto, amanhã vou ver a advogada, para pedir o divórcio.)
mardi 28 Ses mains déformées. L'index, proéminent dès la jointure, ressemble à une serre d'oiseau. Elle croise les doigts, les frotte. Je ne peux pas détacher mes yeux de ses mains. Sans un mot, elle me quitte pour aller dîner. Au moment où elle entre dans la salle à manger, je suis « elle ». Immense douleur de voir sa vie finir ainsi.	terça-feira, 28 Suas mãos deformadas. O indicador, proeminente desde a junta, parece a garra de um pássaro. Ela cruza os dedos, os esfrega. Não consigo desviar meus olhos das mãos dela. Sem dizer uma palavra, ela se afasta para ir jantar. No momento em que entra na sala de jantar, eu sou “ela”. Dor imensa de ver sua vida terminar assim.	terça-feira, 28 Suas mãos deformadas. O indicador, proeminente desde a articulação, parece a garra de um pássaro. Ela cruza os dedos, os esfrega. Não consigo desviar meus olhos das mãos dela. Sem dizer uma palavra, ela me deixa para ir jantar. No momento em que entra na sala de jantar, eu sou “ela”. Imensa dor de ver a sua vida terminar assim.
avril mercredi 4	abril quarta-feira, 4	abril quarta-feira, 4

Je me suis assise dans son fauteuil, et elle, sur une chaise. Impression terrible de dédoublement, je suis moi et elle. Elle a mis du pain dans ses poches, la vieille peur de manquer, d'avoir faim (des morceaux de sucre autrefois, toujours dans la poche, le sac). Elle se plaint de ne pouvoir communiquer avec personne, que les hommes ne pensent qu'à courir après les femmes. Les hantises de toute sa vie.	Sentei-me na poltrona dela, e ela, numa cadeira. Impressão terrível de desdobramento, sou eu e ela ao mesmo tempo. Ela colocou pão nos bolsos, aquele antigo medo de faltar, de ter fome (pedaços de açúcar, antigamente, sempre no bolso, na bolsa). Queixa-se de não conseguir se comunicar com ninguém, de que os homens só pensam em correr atrás de mulheres. As obsessões de toda a sua vida.	Sentei-me na poltrona dela, e ela, numa cadeira. Terrível sensação de duplicação, eu sou eu e ela. Ela colocou pão nos bolsos, aquele velho medo de faltar, de passar fome (pedaços de açúcar, antigamente, sempre no bolso, na bolsa). Ela reclama de não poder se comunicar com ninguém, de que os homens só pensam em correr atrás de mulheres. Os fantasmas de toda a sua vida.
dimanche 8 Vendredi, je suis passée à Apostrophes. Aujourd'hui, elle était dans une autre chambre, avec deux grabataires, muettes. On l'avait attachée sur son fauteuil. Elle avait très mal aux yeux et se passait continuellement de la salive sur les paupières. Elle m'a raconté qu'il y avait eu un hold-up dans la nuit mais « ils nous ont laissé la vie, c'est le principal ». Je l'ai détachée pour la promener dans le couloir et montrer ses yeux à l'infirmière. Cette horreur de la voir nue, de dos, quand je la soulève, avec ce sarrau qui s'ouvre complètement par-derrière. Dans le couloir, j'ai vu, par la porte entrebâillée d'une chambre, une femme les jambes en l'air. À côté, une femme gémissait exactement comme dans la jouissance. Tout était hallucinant ce soir, et il faisait un grand soleil.	domingo, 8 Na sexta-feira, participei do Apostrophes. Hoje, ela estava em outro quarto, com duas mulheres acamadas, mudas. Estava amarrada à sua cadeira. Sentia muita dor nos olhos e passava saliva nas pálpebras continuamente. Ela me contou que houve um assalto durante a noite, mas “nos deixaram viver, isso é o principal”. Desamarrei-a para levá-la ao corredor e mostrar seus olhos à enfermeira. Esse horror de vê-la nua, de costas, quando a levanto, com aquele avental que se abre completamente por trás. No corredor, vi, pela porta entreaberta de um quarto, uma mulher com as pernas para o alto. Ao lado, outra mulher gemia exatamente como se estivesse em êxtase. Tudo parecia alucinado naquela noite — e fazia um grande sol.	domingo, 8 Na sexta-feira, participei do Apostrophes. Hoje, ela estava em outro quarto, com duas pacientes acamadas, mudas. Estava amarrada à sua cadeira. Sentia muita dor nos olhos e passava saliva nas pálpebras continuamente. Ela me contou que houve um assalto durante a noite, mas “nos deixaram viver, isso é o principal”. Eu a desamarrei para levá-la para passear no corredor e mostrar seus olhos à enfermeira. Que horror de vê-la nua, de costas, quando a levanto, com aquele avental que se abre completamente por trás. No corredor, eu vi, pela porta entreaberta de um quarto, uma mulher com as pernas para o ar. Ao lado, uma mulher gemia exatamente como se estivesse gozando. Tudo era alucinante naquela noite, e o sol brilhava forte.
samedi 14 Elle mange la tarte aux fraises que je lui ai apportée, en piquant les fruits au milieu de la crème. « Ici, je ne suis pas considérée, on me	sábado, 14 Ela come a torta de morango que eu trouxe, espetando as frutas no meio do creme. “Aqui, não sou tratada com respeito, fazem-me	sábado, 14 Ela come a torta de morango que eu lhe trouxe, picando as frutas no meio do creme. “Aqui, não sou tratada com

fait travailler comme une négresse, on est mal nourris. » Ses obsessions, la peur des pauvres que j'ai oubliée. En face de nous, une femme décharnée, spectre de Buchenwald, est assise, très droite, avec des yeux terribles. Elle relève sa chemise, on voit la couche-culotte appliquée sur son sexe. Les mêmes scènes à la télé font horreur. Pas ici. Ce n'est pas l'horreur. Ce sont des femmes.	trabalhar como uma negra, a comida é ruim.” Suas obsessões, o medo dos pobres que eu esqueci. À nossa frente, uma mulher esquelética, um espectro de Buchenwald, está sentada, muito ereta, com olhos terríveis. Levanta sua camisola, vê-se a fralda colada ao sexo. As mesmas cenas na televisão causariam horror. Aqui, não. Isso não é o horror. São mulheres.	respeito, fazem-me trabalhar duro, somos mal alimentados.” Suas obsessões, o medo dos pobres que eu esqueci. À nossa frente, uma mulher esquelética, um espectro de Buchenwald, está sentada, muito ereta, com olhos terríveis. Ela levanta sua camisola, vê-se a fralda colada em suas partes íntimas. As mesmas cenas na televisão causariam horror. Aqui não. Isso não é o horror. São mulheres.
dimanche de Pâques Quand j'arrive, elle est couchée. Je la rase. Les deux autres femmes de la chambre ne parlent pas. Odeur de pipi, de merde. Il fait très chaud. J'entends crier dans la chambre voisine : c'est l'ancienne compagne de ma mère à l'hôpital, Mme Plassier. Se dire : c'est Pâques ! Les voitures défilent sur l'autoroute. Retours d'un beau dimanche. La voisine de ma mère est étendue, la main sur son sexe. C'est au-delà de la tristesse.	domingo de Páscoa Quando chego, ela está deitada. Eu a barbeio. As duas outras mulheres do quarto não falam. Cheiro de xixi, de fezes. Está muito quente. Ouço gritos no quarto ao lado: é a antiga companheira de quarto da minha mãe no hospital, Mme Plassier. Pensar: é Páscoa! Os carros passam na autoestrada. Retorno de um belo domingo. A vizinha da minha mãe está estendida, com a mão sobre o sexo. Isso está além da tristeza.	domingo de Páscoa Quando chego, ela está deitada. Eu a barbeio. As duas outras mulheres do quarto não falam. Odor de xixi, de merda. Está muito quente. Ouço gritos no quarto vizinho: é a antiga companheira de quarto da minha mãe no hospital, Senhora Plassier. Dizer a si mesmo: é Páscoa! Os carros passam pela rodovia. Retornos de um belo domingo. A vizinha da minha mãe está estendida, com a mão sobre a vagina. Isso está além da tristeza.
jeudi 26 Scène difficile. Elle croit que je viens la chercher, qu'elle va partir d'ici. Sa déception est immense, elle ne peut plus avaler quoi que ce soit. Remords affreux. Quelquefois, pourtant, tranquillité : c'est ma mère et ce n'est plus elle. Entendu Zouc : « Il faut que les gens soient morts pour être sûre de ne plus être sous leur dépendance. »	quinta-feira, 26 Cena difícil. Ela acredita que vim buscá-la, que vai sair dali. Sua decepção é imensa, ela não consegue mais engolir nada. Remorso terrível. E, no entanto, às vezes, tranquilidade: é minha mãe e já não é mais. Ouvi Zouc: “É preciso que as pessoas estejam mortas para termos certeza de que não dependemos mais delas.”	quinta-feira, 26 Cena difícil. Ela acredita que vim buscá-la, que vai sair daqui. Sua decepção é imensa, ela não consegue mais engolir nada. Remorso terrível. Às vezes, porém, tranquilidade: é minha mãe e não é mais ela. Ouvi Zouc: “É preciso que as pessoas estejam mortas para termos certeza de que não dependemos mais delas.”

dimanche 29 Je la rase et lui coupe les ongles des mains. Celles-ci étaient sales. Sa lucidité : « Je resterai ici jusqu'à ma mort. » Et : « J'avais tout fait pour que tu sois heureuse et tu ne l'as pas été davantage pour ça. »	domingo, 29 Faço a barba dela e corto as unhas das mãos. Estavam sujas. Sua lucidez: "Ficarei aqui até minha morte." E: "Fiz tudo para que você fosse feliz e você não foi mais feliz por isso."	domingo, 29 Eu a barbeio e corto as unhas das mãos. Estavam sujas. Sua lucidez: "Ficarei aqui até minha morte." E: "Fiz tudo para que você fosse feliz e você não foi mais feliz por isso."
mai mardi 8 Ma mère était couchée, minuscule, la tête renversée comme les dimanches après-midi dans mon enfance (est-ce que je détestais cela ?), les jambes en l'air (idem mon enfance). Elle avait une couche. Sa honte, « j'ai mis ça pour ne pas salir ». Sa colère aussi, sans trace des vertus chrétiennes qu'elle vénérât : « Avoir travaillé toute sa vie et finir comme ça ! » Son regard est opaque, fou. Ses traits sont bien les siens, son nez, ses lèvres au joli dessin régulier.	maio terça-feira, 8 Minha mãe estava deitada, minúscula, com a cabeça tombada como nos domingos à tarde da minha infância (eu odiava isso?), as pernas para o alto (igual à infância). Ela usava uma fralda. Sua vergonha: "Pus isso para não sujar." Sua raiva também, sem vestígio das virtudes cristãs que venerava: "Trabalhar a vida inteira e terminar assim!" Seu olhar está opaco, insano. Seus traços são bem os dela, seu nariz, seus lábios com aquele belo desenho regular.	maio terça-feira, 8 Minha mãe estava deitada, minúscula, com a cabeça inclinada para trás, como nos domingos à tarde da minha infância (eu detestava isso?), as pernas para cima (igual à minha infância). Ela usava uma fralda. Sua vergonha: "Coloquei isso para não sujar." Sua raiva também, sem vestígio das virtudes cristãs que venerava: "Trabalhar a vida inteira e terminar assim!" Seu olhar está opaco, insano. Seus traços são bem os dela, seu nariz, seus lábios com um belo desenho regular.
J'ai pensé au 8 mai 58, il y a vingt-six ans. J'étais allée en ville sous une pluie ininterrompue, pour attendre Guy D. Je ne l'avais pas vu. J'avais un parapluie rouge et un manteau de loden. Quand j'ai repris l'ascenseur, elle était devant. Les portes se sont refermées et elle parlait encore. Un moment insupportable.	Pensei em 8 de maio de 1958, há vinte e seis anos. Fui à cidade debaixo de uma chuva incessante, esperar por Guy D. Não o vi. Tinha um guarda-chuva vermelho e um casaco de loden. Quando voltei para o elevador, ela estava na porta. As portas se fecharam e ela ainda falava. Um momento insuportável.	Pensei em 8 de maio de 1958, há vinte e seis anos. Eu tinha ido à cidade debaixo de uma chuva incessante, esperar por Guy D. Não o vi. Tinha um guarda-chuva vermelho e um casaco de loden. Quando voltei para o elevador, ela estava na porta. As portas se fecharam e ela ainda falava. Um momento insuportável.
dimanche 13 Ici, à Us, pire qu'à Pontoise. La garde me dit avec reproche : « Elle a fait pipi, elle en a mis partout dans la chambre. »	domingo, 13 Aqui, em Us, pior que em Pontoise. A enfermeira me diz com reprovação: "Ela fez xixi, molhou todo o quarto."	domingo, 13 Aqui, em Us, pior que em Pontoise. A enfermeira me diz com reprovação: "Ela fez xixi, molhou todo o quarto."

Mon sadisme me fait horreur. J'ai obligé ma mère à mettre son corset, ses bas. Elle lace malhabilement son corset. Ses jambes sont maigres, on lui a mis une culotte en interlock Petit-Bateau. Elle m'obéit craintivement. Cette scène me poursuit, je vois ma mère avec son regard dément, j'ai une envie de pleurer énorme qui ne peut pas éclater (seulement à sa mort ?). Mon sadisme d'aujourd'hui me ramène à celui de mon enfance, avec d'autres petites filles. Sadique peut-être parce qu'elle me terrorisait.	Meu sadismo me enoja. Obriguei minha mãe a colocar o espartilho, as meias. Ela amarra o espartilho desajeitadamente. Suas pernas estão magras, colocaram nela uma calcinha de malha Petit-Bateau. Ela me obedece com medo. Essa cena me persegue, vejo minha mãe com o olhar transtornado, tenho uma vontade enorme de chorar que não consegue explodir (só na morte dela?). Meu sadismo de hoje me remete ao da infância, com outras meninas. Sádica talvez porque ela me aterrorizava.	Meu sadismo me enoja. Obriguei minha mãe a colocar o espartilho, as meias. Ela amarra o espartilho desajeitadamente. Suas pernas estão magras, colocaram nela uma calcinha de malha Petit-Bateau. Ela me obedece com medo. Essa cena me persegue, vejo minha mãe com o olhar demente, tenho uma vontade enorme de chorar que não consigo expressar (só na morte dela?). Meu sadismo de hoje me remete ao da minha infância, com outras meninas. Sádica talvez porque ela me aterrorizava.
jeudi 17 Je suis allée la chercher à Us. Elle est admise définitivement au service de gériatrie de Pontoise. Elle se promène peut-être pour la dernière fois en voiture, elle ne le sait pas. Quand nous arrivons dans la cour de l'hôpital, son visage se défait. Je comprends qu'elle croyait revenir chez moi. Sa chambre est maintenant au troisième étage. Un cercle de femmes nous entoure, elles tutoient ma mère. « Tu vas être avec nous ? » On dirait des gamines avec une « nouvelle » à l'école. Quand je pars, elle me regarde d'un air perdu, affolé : « Tu t'en vas ? » Tout est renversé, maintenant, elle est ma petite fille. Je ne PEUX pas être sa mère.	quinta-feira, 17 Fui buscá-la em Us. Foi admitida definitivamente no setor de geriatria de Pontoise. Talvez esteja passeando de carro pela última vez, e não sabe. Quando chegamos ao pátio do hospital, seu rosto desaba. Entendo que ela achava que estava voltando para minha casa. Agora, seu quarto é no terceiro andar. Um círculo de mulheres nos envolve, falam com ela usando o "tu". "Você vai ficar com a gente?" Parecem meninas com uma "nova" na escola. Quando saio, ela me olha perdida, apavorada: "Você vai embora?" Tudo está invertido, agora ela é minha filhinha. Eu NÃO POSSO ser sua mãe.	quinta-feira, 17 Fui buscá-la em Us. Ela foi admitida definitivamente no setor de geriatria de Pontoise. Talvez esteja passeando de carro pela última vez, e não sabe. Quando chegamos ao pátio do hospital, seu rosto se desanima. Entendo que ela achava que estava voltando para minha casa. Agora, seu quarto é no terceiro andar. Um círculo de mulheres nos rodeia, falam com ela usando o "tu". "Tu vai ficar com a gente?" Parecem meninas com uma "novata" na escola. Quando saio, ela me olha perdida, apavorada: "Você vai embora?" Tudo está invertido, agora ela é minha garotinha. Eu NÃO POSSO ser sua mãe.
vendredi 18 Elle dormait en combinaison. Le réseau de ses veines bleues sur sa poitrine. La peau de l'intérieur de ses bras froissée comme le dessous	sexta-feira, 18 Ela dormia de combinação. A rede de veias azuis sobre seu peito. A pele do lado de dentro dos braços enrugada como a	sexta-feira, 18 Ela dormia de macacão. A rede de veias azuis sobre seu peito. A pele da parte interna dos braços enrugada como a parte

des champignons. Je l'éveille doucement. Ensuite, elle ne cesse d'agresser sa voisine de lit, une grosse femme placide. L'infirmier vient, nous parle, un garçon jeune et barbu, soixante-huitard. Ma mère, après son départ, se tourne vers sa voisine avec jalousie : « Alors, tu es contente, tu l'as vu ton petit docteur ! » L'homme – tant mieux – encore et toujours dans la tête. Femme de devoir hantée de désirs sans doute.	parte de baixo dos cogumelos. Acordo-a com delicadeza. Depois, ela não para de agredir a vizinha de cama, uma mulher gorda e tranquila. O enfermeiro vem, conversa conosco, um rapaz jovem e barbudo, estilo sessenta e oito. Minha mãe, depois que ele sai, se volta para a vizinha com ciúmes: “Então, você está feliz, viu seu doutorzinho!” O homem — ainda bem — sempre e para sempre na cabeça. Mulher de dever, provavelmente assombrada por desejos.	de baixo dos cogumelos. Eu a acordo gentilmente. Depois, ela não para de agredir a vizinha de cama, uma mulher gorda e plácida. O enfermeiro chega, fala conosco, um rapaz jovem e barbudo, da geração de sessenta e oito. Minha mãe, depois que ele sai, se volta para a vizinha com ciúmes: “Então, está contente, viu o teu doutorzinho!” O homem – ainda bem – ainda e sempre na cabeça. Mulher de dever, sem dúvida assombrada por desejos.
mardi 22 « J'ai rêvé de Victor Hugo, il était venu faire une visite dans le village. Il s'est arrêté pour me parler. » Elle rit en se souvenant de son rêve. Choisie par le grand poète, élue, comme c'est bien elle. Son visage se bouffit, change. Je lui avais apporté du cidre, qu'elle désirait. On est venu me dire solennellement que toute boisson alcoolisée était interdite.	terça-feira, 22 “Sonhei com Victor Hugo, ele veio visitar o vilarejo. Parou para me falar.” Ela ri ao lembrar do sonho. Escolhida pelo grande poeta, eleita — isso é bem a cara dela. Seu rosto incha, muda. Eu lhe tinha levado sidra, que ela queria. Vieram me dizer solenemente que toda bebida alcoólica estava proibida.	terça-feira, 22 “Sonhei com Victor Hugo, ele veio visitar o vilarejo. Parou para me falar.” Ela ri ao lembrar do sonho. Escolhida pelo grande poeta, eleita, isso é bem a cara dela. O seu rosto inchou, mudou. Eu tinha levado cidra, que ela desejava. Vieram me dizer solenemente que toda bebida alcoólica estava proibida.
vendredi 25 Sa seconde paire de lunettes est perdue. Je lui demande où elle l'a mise, elle s'endort. Je la touche comme un petit enfant pour la première fois, dans son sommeil. Au-dehors, le mois de mai. La rosée de mai, qu'elle cueillait sur un gant de toilette et dont elle me frottait la figure, pour que j'aie un beau teint. À ma première communion, en mai, elle avait quêté, en tailleur noir, avec une grande capeline, des chaussures à hauts talons, avec des brides, « une belle femme ». Elle avait	sexta-feira, 25 O segundo par de óculos dela está perdido. Pergunto onde ela colocou, e ela adormece. Toco nela como a uma criancinha pela primeira vez, enquanto dorme. Lá fora, é maio. O orvalho de maio, que ela colhia num pano e com o qual esfregava meu rosto, para que eu tivesse uma pele bonita. Na minha primeira comunhão, em maio, ela pediu esmolas, vestida com um tailleur preto, um grande chapéu, sapatos de salto alto com tiras — “uma mulher bonita”. Ela tinha quarenta e	sexta-feira, 25 O segundo par de óculos dela está perdido. Pergunto onde ela colocou, e ela adormece. Toco nela como fosse uma criancinha pela primeira vez, enquanto dormia. Lá fora, o mês de maio. O orvalho de maio, que ela colhia com uma luva de banho e com que me esfregava o rosto, para que eu tivesse uma pele bonita. Na minha primeira comunhão, em maio, ela tinha pedido doações, vestida com um tailleur preto, um grande capeline de abas largas, sapatos

quarante-cinq ans. J'ai un an de moins. Elle dormait les yeux ouverts, ses jambes très blanches découvertes, son sexe visible. Je pleure. À côté, la vieille refait indéfiniment son lit, pliant la couverture, la dépliant. Femmes.	cinco anos. Eu tenho um ano a menos. Ela dormia com os olhos abertos, suas pernas muito brancas descobertas, seu sexo visível. Eu choro. Ao lado, a velha refaz o lençol indefinidamente, dobrando e desdobrando a coberta. Mulheres.	de salto alto com tiras, “uma mulher bonita”. Ela tinha quarenta e cinco anos. Eu tenho um ano a menos. Ela dormia com os olhos abertos, as pernas muito brancas descobertas, a genitália visível. Eu choro. Ao lado, a velha refaz indefinidamente a cama, dobrando e desdobrando a coberta. Mulheres.
juin dimanche 3 Elle est dans la salle à manger, face à une autre femme, qu'elle regarde avec un sourire affreux, mélange de curiosité et de sadisme (où et quand lui ai-je vu ce sourire ?). La femme a les yeux embués de larmes, comme hypnotisée par ma mère, son air de curiosité perverse. Toutes les femmes sont folles aujourd'hui. Celle qui partage maintenant la chambre de ma mère criait « une tartine de pain s'il vous plaît ! » sans arrêt. Une autre parlait seule dans le couloir. Une immense agitation, mystérieuse.	junho domingo, 3 Ela está no refeitório, em frente a outra mulher, a quem olha com um sorriso horrível, mistura de curiosidade e sadismo (onde e quando já vi esse sorriso nela?). A mulher tem os olhos cheios de lágrimas, como hipnotizada por minha mãe, com aquele ar de curiosidade perversa. Todas as mulheres parecem loucas hoje. Aquela que agora divide o quarto com minha mãe gritava “uma fatia de pão, por favor!” sem parar. Outra falava sozinha no corredor. Uma imensa agitação, misteriosa.	Junho domingo, 3 Ela está na sala de jantar, diante de outra mulher, que ela observa com um sorriso horrível, mistura de curiosidade e sadismo (onde e quando eu já vi esse sorriso?). A mulher tem os olhos cheios de lágrimas, como hipnotizada por minha mãe, com seu ar de curiosidade perversa. Todas as mulheres estão loucas hoje. Aquela que agora divide o quarto da minha mãe gritava “uma fatia de pão, por favor!” sem parar. Outra falava sozinha no corredor. Uma imensa agitação misteriosa.
jeudi 7 « Finir mes jours ici », à chaque fois. Jalousie toujours vivace vis-à-vis de ma belle-mère : « Si ç'avait été la mère de Raymond (elle veut sans doute dire Philippe, mon mari) on lui aurait fait une petite place. » La vieille femme qui partage la chambre de ma mère me terrifie. Dès que je suis apparue sur le seuil, elle a crié : « Je veux aller aux cabinets ! » Je l'y ai menée. Une fois sortie, elle crie de plus	quinta-feira, 7 “Terminar meus dias aqui”, a cada vez. Ciúme ainda vivo em relação à minha sogra: “Se fosse a mãe do Raymond (ela quer dizer Philippe, meu marido), teriam arrumado um cantinho para ela.” A velha senhora que divide o quarto com minha mãe me aterroriza. Assim que apareci na porta, ela gritou: “Quero ir ao banheiro!” Levei-a até lá. Ao sair, ela grita ainda mais, com a	Quinta-feira, 7 “Terminar os meus dias aqui”, cada vez. Ciúme sempre vivo em relação à minha sogra: “Se fosse a mãe do Raymond (ela provavelmente quer dizer Philippe, o meu marido), teriam arranjado um cantinho para ela.” A velha senhora que divide o quarto com a minha mãe me aterroriza. Assim que apareci

belle, sa couche à la main, et me demande de lui remettre sa culotte. Je le fais. Il faut aussi la moucher. Ma mère regarde, dit : « Elle est terrible. Elle a déjà eu trois enfants. »	fralda na mão, e me pede para colocá-la sua calcinha. Eu o faço. Também é preciso assoá-la. Minha mãe observa e diz: “Ela é terrível. Já teve três filhos.”	na porta, ela gritou: “Quero ir ao banheiro!” Eu a levei. Assim que saiu, gritou ainda mais alto, com a fralda na mão, e me pede para colocar sua calcinha. Eu faço. Também é preciso assoá-la. Minha mãe observa e diz: “Ela é terrível. Já teve três filhos.”
vendredi 15 À mon arrivée, elle était assise près de l’ascenseur, hagarde. Elle parlait si bas que je l’entendais à peine. Dans le couloir vers sa chambre, elle marchait à demi courbée. Elle émiettait son macaron sans le manger. J’ai envie de pleurer en voyant cette demande d’amour qu’elle a envers moi, qui ne sera jamais plus satisfaite (je l’ai tant aimée dans mon enfance). Je pense à ma propre demande d’amour vis-à-vis de A. maintenant, alors qu’il me fuit.	sexta-feira, 15 Quando cheguei, ela estava sentada perto do elevador, com olhar vazio. Falava tão baixo que mal conseguia ouvi-la. No corredor em direção ao seu quarto, caminhava meio curvada. Esfarelava seu macaron sem comer. Tenho vontade de chorar ao ver esse pedido de amor que ela faz a mim, que nunca mais será satisfeito (a amei tanto na infância). Penso na minha própria demanda de amor em relação a A., agora que ele me evita.	sexta-feira, 15 Quando cheguei, ela estava sentada perto do elevador, desolada. Falava tão baixo que mal conseguia ouvi-la. No corredor em direção ao seu quarto, caminhava meio curvada. Esfarelava seu macaron sem comer. Tenho vontade de chorar ao ver esse pedido de amor que ela faz a mim, que nunca mais será satisfeito (a amei tanto na infância). Penso na minha própria demanda de amor em relação a A., agora que ele me evita.
Quand je reprends l’ascenseur, j’aperçois son visage entre les deux portes qui se referment brutalement et qui semblent la supprimer dans un claquement. Répétition de ces visites, toujours identiques : nous sommes assises l’une en face de l’autre, quelques phrases, plus ou moins normales.	Ao pegar o elevador de volta, vejo seu rosto entre as portas que se fecham bruscamente, como se a apagassem com um estalo. Repetição dessas visitas, sempre idênticas: sentamo-nos uma de frente para a outra, algumas frases, mais ou menos normais.	Ao pegar o elevador de volta, vejo seu rosto entre as portas que se fecham bruscamente, como se a apagassem com um estalo. Repetição dessas visitas, sempre idênticas: sentamo-nos uma de frente para a outra, algumas frases, mais ou menos normais.
Je connais les autres femmes. L’une arpente sans cesse le couloir d’un pas rapide, très droite, assez jeune. Elle ressemble à l’horloge détraquée de L’Enfant et les sortilèges de Ravel. Aujourd’hui, j’ai vu qu’elle avait un mari, la	Conheço as outras mulheres. Uma percorre o corredor sem parar, com passo rápido, muito ereta, relativamente jovem. Parece o relógio desregulado de L’Enfant et les sortilèges de Ravel. Hoje, vi que ela tinha um	Conheço as outras mulheres. Uma percorre o corredor sem parar, com passo rápido, muito ereta, relativamente jovem. Parece o relógio desregulado de <i>L’Enfant et les sortilèges</i> de Ravel. Hoje, vi que ela tinha

soixantaine, en costume bleu, les yeux rouges. Une infirmière hurle au téléphone : « Y’a un mourant ? »	marido, na casa dos sessenta, de terno azul, olhos vermelhos. Uma enfermeira grita ao telefone: “Tem um morrendo?”	um marido, na casa dos sessenta, de terno azul, olhos vermelhos. Uma enfermeira grita ao telefone: “Tem alguém morrendo?”
samedi 23 Dans le hall du rez-de-chaussée, il y a toujours un vieil homme en pyjama qui essaie de téléphoner. L’autre jour, il m’a montré un numéro sur un papier. Je l’ai composé pour lui, ce n’était pas le bon. Toute la journée, il veut joindre quelqu’un, un de ses enfants peut-être, ou un organisme. Espérant, chaque matin.	sábado, 23 No saguão do térreo, há sempre um velho de pijama tentando telefonar. Outro dia, me mostrou um número num papel. Disquei para ele, não era o certo. O dia inteiro, ele tenta ligar para alguém — talvez um filho, ou algum serviço. Esperando, a cada manhã.	sábado, 23 No saguão do térreo, há sempre um velho homem de pijama tentando telefonar. Outro dia, ele me mostrou um número num papel. Disquei para ele, não era o número certo. O dia inteiro, ele tenta ligar para alguém, talvez um filho, ou algum serviço. Esperando, a cada manhã.
La petite vieille à côté de ma mère avait de la morve qui dégoulinait sur sa blouse. Ma mère, prostrée, ne voyait rien. Devenue murée aux autres. Elle perd toutes ses affaires personnelles, mais elle ne les cherche plus. Elle a renoncé. Je me rappelle son effort désespéré chez moi pour retrouver sa trousse de toilette, avoir encore prise sur le monde au travers des choses. Cette indifférence actuelle me serre le cœur. Elle n’a plus rien. Sa montre, son eau de toilette ont disparu. Que manger, maintenant. Je rencontre les mêmes visiteurs, peu.	A velhinha ao lado da minha mãe tinha muco escorrendo pela blusa. Minha mãe, prostrada, não via nada. Tornou-se cega aos outros. Perde todos os seus objetos pessoais, mas já não os procura. Ela desistiu. Lembro do esforço desesperado que fazia em minha casa para encontrar sua necessária, ainda tentando ter controle sobre o mundo por meio das coisas. Essa indiferença atual me aperta o coração. Ela já não tem mais nada. Seu relógio, sua colônia desapareceram. O que comer, agora? Vejo os mesmos poucos visitantes.	A velhinha ao lado da minha mãe tinha muco escorrendo pela blusa. Minha mãe, prostrada, não via nada. Tornou-se indiferente aos outros. Ela perde todos os seus objetos pessoais, mas já não os procura. Ela desistiu. Lembro do esforço desesperado que fazia em minha casa para encontrar sua necessária, ainda tentando ter controle sobre o mundo por meio das coisas. Essa indiferença atual me parte o coração. Ela já não tem mais nada. Seu relógio, sua colônia desapareceram. O que comer, agora. Vejo os mesmos poucos visitantes.
juillet jeudi 12 Retour d’Espagne. Elle se lève brusquement de table en me voyant apparaître à la porte de la salle à manger (autrefois, sous le préau du	julho quinta-feira, 12 Volta da Espanha. Ela se levanta bruscamente da mesa ao me ver aparecer na porta do refeitório (antigamente, sob o pátio coberto	Julho quinta-feira, 12 Volta da Espanha. Ela se levanta bruscamente da mesa ao me ver aparecer na porta da sala de jantar (antigamente, sob

pensionnat, je me dressais en la reconnaissant, dans le haut des marches : le même bonheur). Elle dit très fort : « Je vous présente ma fille ! » avec orgueil. Les femmes autour disent : « Elle est belle ! » Je sens comme elle est heureuse.	do internato, eu me erguia ao reconhecê-la no alto dos degraus: a mesma felicidade). Ela diz em voz alta: “Apresento-lhes minha filha!” com orgulho. As mulheres ao redor dizem: “Ela é linda!” Sinto o quanto ela está feliz.	o pátio coberto do internato, eu me erguia ao reconhecê-la no alto dos degraus: a mesma felicidade). Ela diz em voz alta: “Apresento-lhes minha filha!” com orgulho. As mulheres ao redor dizem: “Ela é linda!” Sinto o quanto ela está feliz.
Nous descendons dans le jardin, nous nous asseyons sur un banc. J’ai pensé à une visite que j’avais faite avec elle, à dix ans, à un oncle opéré de la prostate. C’était à l’Hôtel-Dieu de Rouen. Il y avait du soleil, des hommes et des femmes en robe de chambre prune se promenaient : j’étais si triste et si contente que ma mère soit là, forte et protectrice contre la maladie et la mort.	Descemos ao jardim, sentamo-nos num banco. Pensei numa visita que fiz com ela, aos dez anos, a um tio operado da próstata. Era no Hôtel-Dieu de Rouen. Estava ensolarado, homens e mulheres de robe roxo passeavam: eu estava tão triste e tão feliz por minha mãe estar ali, forte e protetora contra a doença e a morte.	Descemos ao jardim, sentamo-nos num banco. Lembrei de uma visita que fiz com ela, aos dez anos, a um tio operado da próstata. Era no <i>Hôtel-Dieu</i> de Rouen. Estava ensolarado, homens e mulheres de roupões roxo passeavam: eu estava tão triste e tão feliz por minha mãe estar ali, forte e protetora contra a doença e a morte.
Nous avons repris l’ascenseur. Dans la glace au fond, je nous voyais, elle toute courbée. Ce qui comptait, c’était qu’elle soit vivante, à côté de moi.	Voltamos pelo elevador. No espelho do fundo, eu nos via, ela toda curvada. O que importava era que ela estivesse viva, ao meu lado.	Voltamos pelo elevador. No espelho do fundo, eu nos via, ela toda curvada. O que importava era que ela estivesse viva, ao meu lado.
jeudi 26, Boisgibault J’ai pensé qu’elle n’avait jamais eu de gestes de complaisance ou d’amour vis-à-vis de son corps. Elle n’a jamais touché son visage, ses cheveux, ses bras comme moi, glissé une main dans l’échancrure de sa blouse. Un corps de fatigue. Elle s’affalait sur une chaise le soir.	quinta-feira, 26, Boisgibault Pensei que ela nunca teve gestos de complacência ou carinho com seu próprio corpo. Nunca tocava o rosto, os cabelos, os braços como eu faço, ou deslizava a mão pelo decote da blusa. Um corpo de fadiga. Desabava numa cadeira à noite.	quinta-feira, 26, Boisgibault Pensei que ela nunca teve gestos de complacência ou amor com seu próprio corpo. Nunca tocava o rosto, os cabelos, os braços como eu faço, ou deslizava a mão pelo decote da blusa. Um corpo cansado. À noite, ela se jogava em uma cadeira.
Une femme violente, avec une seule grille d’explication du monde, celle de la religion. Je me demande si je pourrais faire un livre sur elle comme <i>La place</i>. Il n’y avait pas de réelle distance entre nous. De l’identification.	Uma mulher violenta, com uma única grade de leitura do mundo: a religião. Pergunto-me se seria possível escrever um livro sobre ela como <i>La place</i>. Não havia uma verdadeira distância entre nós.	Uma mulher violenta, com uma única forma de explicar o mundo: a religião. Pergunto-me se poderia escrever um livro sobre ela como <i>La place</i>. Não havia uma verdadeira distância entre nós.

	Era identificação.	Era identificação.
août samedi 11 Satisfaction profonde d’aller voir ma mère aujourd’hui comme si j’allais saisir une vérité me concernant. Aveuglant : elle est ma vieillesse, et je sens en moi menacer la dégradation de son corps, ses rides sur les jambes, son cou froissé dévoilé par la coupe de cheveux qu’on vient de lui faire. Elle revit toujours ses peurs, l’aliénation ne l’a jamais quittée : « La patronne n’est pas commode, on est mal payés avec tout le travail qu’on a », etc. Elle mange bruyamment ce que je lui ai apporté.	agosto sábado, 11 Satisfação profunda de ir ver minha mãe hoje, como se eu fosse captar uma verdade sobre mim mesma. Cegante: ela é a minha velhice, e sinto em mim ameaçar a degradação do corpo dela, suas rugas nas pernas, seu pescoço amassado revelado pelo corte de cabelo recém-feito. Ela revive sempre os mesmos medos, a alienação nunca a deixou: “A patroa não é fácil, somos mal pagos com tanto trabalho”, etc. Ela come ruidosamente o que levei para ela.	agosto sábado, 11 Satisfação profunda de ir ver minha mãe hoje, como se eu fosse descobrir uma verdade sobre mim mesma. Cegante: ela é a minha velhice, e sinto em mim ameaçar a degradação do corpo dela, suas rugas nas pernas, seu pescoço amassado revelado pelo corte de cabelo recém-feito. Ela sempre revive os mesmos medos, a alienação nunca a deixou: “A patroa não é fácil, somos mal pagos com tanto trabalho”, etc. Ela come ruidosamente o que levei para ela.
Nourriture, urine, merde, c’est ce mélange d’odeurs qui frappe dès la sortie de l’ascenseur. Souvent, les femmes sont deux par deux, l’une dominant l’autre. Ainsi, il y a une femme très grande, droite, qui force une autre, petite, courbée, traînant ses chaussons, à marcher dans le couloir, dans un sens puis dans l’autre. C’est une cage. Ma mère est solitaire.	Comida, urina, fezes, é essa mistura de odores que atinge logo ao sair do elevador. Frequentemente, as mulheres estão em duplas, uma dominando a outra. Assim, há uma mulher muito alta, ereta, que força outra, pequena, curvada, arrastando os chinelos, a andar no corredor, de um lado para o outro. É uma gaiola. Minha mãe é solitária.	Comida, urina, fezes, é essa mistura de odores que nos atinge logo ao sair do elevador. Frequentemente, as mulheres estão em duplas, uma dominando a outra. Assim, há uma mulher muito alta, ereta, que obriga outra, pequena, curvada, arrastando os chinelos, a andar no corredor, de um lado para o outro. É uma gaiola. Minha mãe é solitária.
Quand je reprends l’ascenseur, je me regarde encore dans la glace pour me rassurer.	Quando volto para o elevador, olho novamente para mim no espelho, para me tranquilizar.	Quando volto para o elevador, me olho novamente no espelho, para me tranquilizar.
lundi 20 Je viens la voir, je suis jeune encore, j’ai des histoires d’amour. Dans dix ou quinze ans, je viendrai encore et je serai vieille à mon tour.	segunda-feira, 20 Venho vê-la, ainda sou jovem, tenho histórias de amor. Daqui a dez ou quinze anos, ainda virei, e serei velha também.	segunda-feira, 20 Venho vê-la, ainda sou jovem, tenho histórias de amor. Daqui a dez ou quinze anos, voltarei, e á serei velha também.
Elle cherchait aujourd’hui ce qu’elle pourrait acheter, des choses, des vêtements. Mais elle ne peut	Hoje ela procurava o que poderia comprar — coisas, roupas. Mas ela não pode mais ter nada só	Hoje ela procurava o que poderia comprar, coisas, roupas. Mas ela não pode mais

plus avoir rien à elle. La tenue qu'elle porte est celle de l'hôpital, plus facile à laver quand elle la souille. Elle a perdu tous les vêtements apportés en arrivant, ses lunettes, dont elle avait tant de soin chez moi, il y a six mois. Ici, ce qui se perd ne se retrouve jamais. Indifférence : de toute façon elles vont mourir. Infirmière-chef, aux cheveux noirs en casque, grande, hautaine.	dela. A roupa que usa é a do hospital, mais fácil de lavar quando se suja. Perdeu todas as roupas que trouxe ao chegar, seus óculos, de que cuidava tanto quando estava comigo, há seis meses. Aqui, o que se perde nunca é encontrado. Indiferença: de toda forma, elas vão morrer. Enfermeira-chefe, cabelo preto em formato de capacete, alta, altiva.	ter nada só dela. A roupa que ela veste é a do hospital, mais fácil de lavar quando se suja. Perdeu todas as roupas que trouxe quando chegou, seus óculos, dos quais ela cuidava tanto quando estava comigo, há seis meses. Aqui, o que se perde nunca é encontrado. Indiferença: de toda forma, elas vão morrer. Enfermeira-chefe, cabelo preto em formato de capacete, alta, altiva.
La femme-horloge a croisé un vieil homme : elle lui a pris la main, l'a portée à sa bouche, puis elle est passée. Deux autres, se tenant par la main, marchant dans le couloir, m'ont saluée à deux reprises en s'arrêtant devant moi : « Bonjour madame ! » Comme si elles avaient oublié qu'elles venaient de le faire ou bien ne me reconnaissaient pas.	A mulher-relógio cruzou com um velho: pegou a mão dele, levou-a aos lábios, depois seguiu. Outras duas, de mãos dadas, caminhando pelo corredor, me saudaram duas vezes, parando diante de mim: "Bom dia, senhora!" Como se tivessem esquecido que já haviam feito isso ou não me reconhecessem.	A mulher-relógio cruzou com um velho: pegou a mão dele, levou-a aos lábios, depois seguiu em frente. Outras duas, de mãos dadas, caminhando pelo corredor, cumprimentaram-me duas vezes, parando diante de mim: "Bom dia, senhora!" Como se tivessem esquecido que já haviam feito isso ou não me reconhecessem.
vendredi 24 Je projette de donner les vêtements de ma mère restés chez moi au Secours catholique, ou de les vendre aux puces de Pontoise. Culpabilité. Sa boîte à coudre, à boutons, son dé, ce que je garderai d'elle. Éviter, en écrivant, de me laisser aller à l'émotion.	sexta-feira, 24 Planejo doar as roupas da minha mãe, que ficaram na minha casa, à Cáritas, ou vendê-las no mercado de pulgas de Pontoise. Culpa. Sua caixa de costura, de botões, seu dedal — o que guardarei dela. Evitar, ao escrever, me deixar levar pela emoção.	sexta-feira, 24 Planejo doar as roupas da minha mãe, que ficaram na minha casa, a Secours Catholique, ou vendê-las no mercado de pulgas de Pontoise. Culpa. Sua caixa de costura, de botões, seu dedal, o que guardarei dela. Evitar, ao escrever, me deixar levar pela emoção.
mercredi 29 Je me suis aperçue qu'entre deux visites je l'oubliais. Elle a dit : « J'espère qu'il arrivera à se mettre à l'eau. — Quoi, maman ? — Le poisson que j'espère avoir un jour. » Puis, à un autre moment : « Je crains que ça ne soit irréversible. »	quarta-feira, 29 Percebi que entre uma visita e outra, eu a esquecia. Ela disse: "Espero que ele consiga entrar na água. — O quê, mamãe? — O peixe que espero ter um dia." Depois, em outro momento: "Receio que isso seja	quarta-feira, 29 Percebi que, entre uma visita e outra, eu a esquecia. Ela disse: "Espero que ele consiga entrar na água. — O quê, mamãe? — O peixe que espero ter um dia." Depois, em outro momento: "Receio que isso seja

Ses mains et son corps étaient très froids. Ce regard des aliénés.	irreversível.” Suas mãos e seu corpo estavam muito frios. Aquele olhar dos alienados.	irreversível.” Suas mãos e seu corpo estavam muito frios. Aquele olhar dos alienados.
septembre lundi 3 J’ai relu Les armoires vides, pour le passage du livre en Folio. À la fin, image d’elle quand j’avais cinq ans, je l’appelais VANNÉ.	setembro segunda-feira, 3 Releio Os armários vazios, para a edição em formato Folio. No fim, a imagem dela quando eu tinha cinco anos, e a chamava de “CANSADA”.	setembro segunda-feira, 3 Releio <i>Les armoires vides</i> , para a edição em formato Folio. No fim, a imagem dela quando eu tinha cinco anos, e a chamava de “CANSADA”.
mercredi 5 À l’intérieur, une chaleur identique, été comme hiver. Le temps a disparu. Toutes les femmes sont en tablier, à fleurs, à rayures, transformées en servantes. L’une d’elles, grande et forte, avec un magnifique port de tête, un châle, ressemble à la Françoise de Proust.	quarta-feira, 5 Lá dentro, o mesmo calor, verão ou inverno. O tempo desapareceu. Todas as mulheres estão de avental, florido ou listrado, transformadas em serviçais. Uma delas, alta e forte, com uma postura magnífica, um xale, parece Françoise, de Proust.	quarta-feira, 5 No interior, é o mesmo calor, tanto no verão como no inverno. O tempo desapareceu. Todas as mulheres estão de avental, florido ou listrado, transformadas em serviçais. Uma delas, alta e forte, com uma postura magnífica, um xale, parece Françoise, de Proust.
Ma mère : « Tu ne t’ennuies pas trop chez toi ? » Quand elle parle de moi, c’est d’elle qu’il s’agit. Comme elle doit s’ennuyer ! Ou bien ce mot n’a-t-il plus de sens pour elle ? Que se rappelle-t-elle maintenant de sa vie ? Qu’est sa vie pour elle ?	Minha mãe: “Você não se entedia demais na sua casa?” Quando ela fala de mim, é dela que está falando. Como ela deve se entediar! Ou será que essa palavra já não tem sentido para ela? Do que será que ela se lembra da vida? O que é a vida para ela?	Minha mãe: “Você não fica muito entediada em casa?” Quando ela fala de mim, é dela que está falando. Como ela deve estar entediada! Ou será que essa palavra não tem mais sentido para ela? O que ela lembra agora da sua vida? O que é a vida para ela?
mardi 11 J’ai rêvé d’elle, elle avait fait pipi dans sa culotte. Dans la réalité, la première fois, mon bouleversement terrible.	terça-feira, 11 Sonhei com ela, ela havia feito xixi na calcinha. Na realidade, da primeira vez, meu abalo foi terrível.	terça-feira, 11 Sonhei com ela, ela havia feito xixi na calcinha. Na realidade, da primeira vez, meu abalo foi terrível.
Je dois la raser à chaque visite. À la fête de l’Huma, j’étais à côté d’une transsexuelle, à la peau bleutée. Rapprochement inconscient avec ma mère.	Preciso barbeá-la a cada visita. Na festa da L’Humanité, eu estava ao lado de uma mulher trans, com a pele azulada. Aproximação inconsciente com minha mãe.	Preciso barbeá-la a cada visita. Na festa da <i>L’Humanité</i> , eu estava ao lado de uma mulher trans, com a pele azulada. Aproximação inconsciente com minha mãe.

Elle ne comprenait aujourd'hui aucune question. « Tu dors bien ? — Oui oui c'est propre. » Racontant en détail tout ce qu'elle a fait depuis le matin, des courses dans les magasins, il y avait trop de monde, etc., comme si elle menait une vie normale. Cette force de l'imaginaire, pour compenser. Et puis, ultimement : « Je ne sortirai pas d'ici longtemps de ce bordel. »	Hoje, ela não entendia nenhuma pergunta. “Você dorme bem? — Sim, sim, está limpo.” Contando em detalhes tudo que fez desde a manhã: compras em lojas, havia gente demais, etc., como se levasse uma vida normal. Essa força da imaginação, para compensar. E, por fim: “Não vou sair tão cedo desse bordel.”	Hoje, ela não entendia nenhuma pergunta. “Você dorme bem? — Sim, sim, está tudo limpo.” Contando em detalhes tudo que fez desde a manhã: compras em lojas, havia gente demais, etc., como se levasse uma vida normal. Essa força da imaginação, para compensar. E, por fim: “Não vou sair tão cedo dessa bagunça.”
lundi 17 En rasant son visage froid, mais vivant, en voyant son regard éteint, je me disais : « Où sont les yeux de mon enfance, ses yeux d'il y a trente ans, terribles, ses yeux qui m'ont faite ? »	segunda-feira, 17 Ao barbear seu rosto frio, mas vivo, ao ver seu olhar apagado, pensei: “Onde estão os olhos da minha infância, os olhos de trinta anos atrás, terríveis, os olhos que me criaram?”	segunda-feira, 17 Ao barbear seu rosto frio, mas vivo, ao ver seu olhar apagado, pensei: “Onde estão os olhos da minha infância, os olhos de trinta anos atrás, terríveis, os olhos que me criaram?”
Quand je suis entrée dans la salle à manger, elle essuyait inlassablement la table avec la main.	Quando entrei no refeitório, ela limpava incessantemente a mesa com a mão.	Quando entrei na sala de jantar, ela estava limpando incessantemente a mesa com a mão.
Avec son tablier à fleurs, elle ressemble maintenant à Lucie, la femme qui venait laver chez nous, à Lillebonne, et n'avait plus de dents. Ma mère non plus n'a pas de dents, son dentier est perdu.	Com seu avental florido, agora se parece com Lucie, a mulher que vinha lavar roupas em nossa casa, em Lillebonne, e que não tinha mais dentes. Minha mãe também está sem dentes, sua dentadura está perdida.	Com seu avental florido, agora se parece com Lucie, a mulher que vinha lavar roupas em nossa casa, em Lillebonne, e que não tinha mais dentes. Minha mãe também não tem dentes, ela perdeu sua dentadura.
Au courrier, cette semaine, il y avait une lettre pour ma mère. France Million, les nouvelles de la Chance. À côté d'une photo d'Anne-Marie Peysson, tout sourire, était écrit : « Est-ce à Mme Blanche Duchesne qu'Anne-Marie Peysson va remettre le chèque de 25 millions de centimes ? » Un fac-similé du chèque au nom de ma mère figurait en bas et aussi : « Unique au monde, le portrait électronique de Mme Blanche Duchesne », portrait qui « prend du	Pelo correio, esta semana, chegou uma carta para minha mãe. France Million, as novidades da Sorte. Ao lado de uma foto de Anne-Marie Peysson, sorridente, estava escrito: “Será para a Sra. Blanche Duchesne que Anne-Marie Peysson entregará o cheque de 25 milhões de centavos?” Uma cópia do cheque com o nome da minha mãe aparecia embaixo, e também: “Único no mundo, o retrato eletrônico da Sra. Blanche	Pelo correio, esta semana, chegou uma carta para minha mãe. France Million, as novidades da Sorte. Ao lado de uma foto de Anne-Marie Peysson, sorridente, estava escrito: “Será que Anne-Marie Peysson vai entregar o cheque de 25 milhões de centavos à Sra. Blanche Duchesne?” Uma cópia do cheque em nome da minha mãe aparecia na parte inferior e também: “Único no mundo, o retrato eletrônico da

relief lorsqu'on l'observe à un mètre de distance ».	Duchesne”, retrato que “ganha relevo quando observado a um metro de distância”.	Sra. Blanche Duchesne”, retrato que “ganha relevo quando observado a um metro de distância”.
À un mètre, on distinguait les contours d'un visage jeune, à la bouche pulpeuse. Le nom de ma mère était répété une centaine de fois, pour l'assurer qu'elle était choisie, qu'elle allait gagner si elle répondait avant le 5 octobre. Cons. Attraper A.-M. Peysson par la peau du cou et la tramer au « long séjour » de l'hôpital de Pontoise.	A um metro, distinguia-se o contorno de um rosto jovem, de lábios carnudos. O nome da minha mãe era repetido umas cem vezes, para garantir que ela havia sido escolhida, que ganharia se respondesse até 5 de outubro. Idiotas. Agarrar A.-M. Peysson pela nuca e jogá-la no “longo internamento” do hospital de Pontoise.	A um metro, distinguia-se o contorno de um rosto jovem, de lábios carnudos. O nome da minha mãe era repetido umas cem vezes, para garantir que ela havia sido escolhida, que ganharia se respondesse até 5 de outubro. Idiota. Agarrar A.-M. Peysson pelo pescoço e levá-la para a “longa estadia” no hospital de Pontoise.
dimanche 23 Dans le train, il y a quelques jours, une religieuse aux yeux brillants, protubérants, fixait le monde. C'était le visage de l'inquisition. J'ai pensé avec malaise à ma mère.	domingo, 23 No trem, há alguns dias, uma freira de olhos brilhantes e protuberantes fixava o mundo. Era o rosto da inquisição. Pensei com desconforto na minha mãe.	domingo, 23 No trem, há alguns dias, uma freira de olhos brilhantes e protuberantes fixava o mundo. Era o rosto da inquisição. Pensei com desconforto na minha mãe.
L'infirmière m'a dit qu'elle parlait toujours de moi, seulement de moi. Culpabilité. Je remarque aussi qu'elle se prend souvent pour moi. Je suis née parce que ma sœur est morte, je l'ai remplacée. Je n'ai donc pas de moi.	A enfermeira me disse que ela fala sempre de mim, só de mim. Culpa. Também noto que ela frequentemente pensa que é eu. Nasci porque minha irmã morreu, fui a substituta. Portanto, não tenho um “eu”.	A enfermeira me disse que ela fala sempre de mim, só de mim. Culpa. Também noto que ela muitas vezes se confunde comigo. Nasci porque minha irmã morreu, eu a substituí. Portanto, não tenho identidade própria.
samedi 29 Quand je suis arrivée dans la salle à manger, tout le monde regardait la télé. Elle seule a tourné la tête : elle m'attend toujours.	sábado, 29 Quando cheguei ao refeitório, todos estavam assistindo televisão. Só ela virou a cabeça: ela sempre me espera.	sábado, 29 Quando cheguei à sala de jantar, todos estavam assistindo televisão. Só ela virou a cabeça: ela sempre me espera.
Le pire, imprévisible. J'ai ouvert le tiroir de sa table de nuit pour vérifier s'il lui restait des biscuits. J'ai cru voir un gâteau : je l'ai pris. C'était un étron. J'ai refermé le tiroir dans la confusion la plus atroce. Ensuite, j'ai pensé que si je laissais l'étron dans le tiroir, on le	O pior, o impensável. Abri a gaveta da mesa de cabeceira para ver se ainda havia biscoitos. Achei que fosse um bolinho: peguei. Era um cocô. Fechei a gaveta na mais atroz confusão. Depois, pensei que, se eu deixasse o cocô na gaveta,	O pior, o impensável. Abri a gaveta da mesa de cabeceira para ver se ainda havia biscoitos. Achei que fosse um bolinho: peguei. Era um cocô. Fechei a gaveta na mais terrível confusão. Depois, pensei que, se deixasse o cocô na gaveta,

trouverait et qu'inconsciemment je devais souhaiter qu'on le trouve pour qu'on constate combien ma mère était bas. J'ai pris un papier et je suis allée le porter au W.-C. Un épisode de mon enfance m'est revenu, j'avais caché un excrément dans le buffet de la chambre par paresse de descendre aux cabinets de la cour.	alguém o encontraria, e que, inconscientemente, eu devia querer que encontrassem, para que vissem até que ponto minha mãe tinha chegado. Peguei um papel e fui levá-lo ao banheiro. Uma lembrança da infância me veio: escondi um excremento no armário do quarto por preguiça de descer até o banheiro do pátio.	alguém o encontraria e, inconscientemente, eu devia querer que o encontrassem para que percebessem o quanto minha mãe era baixa. Peguei um papel e fui levá-lo ao banheiro. Uma lembrança da infância me veio: escondi um excremento no armário do quarto por preguiça de descer até o banheiro do pátio.
Elle ne dit aujourd'hui que des choses folles : « On a changé les "a" et les "o" dans les mots », « Marie-Louise vient me voir souvent ». Marie-Louise, sa sœur, est morte depuis vingt ans.	Hoje, ela só dizia coisas loucas: "Mudaram os 'a' e os 'o' nas palavras", "Marie-Louise vem me visitar sempre." Marie-Louise, sua irmã, morreu há vinte anos.	Hoje ela só diz coisas sem sentido: "Mudamos os 'a' e os 'o' nas palavras", "Marie-Louise vem me visitar com frequência". Marie-Louise, sua irmã, morreu há vinte anos.
octobre dimanche 7 Je viens la voir le dimanche désormais. À la télé, c'est L'école des fans de Jacques Martin. Des enfants chantent. Les vieillards regardent. Quand je suis entrée avec ma mère dans sa chambre, une insupportable odeur de merde m'a suffoquée. Nous nous sommes assises l'une en face de l'autre. L'autre femme glapissait à son habitude « un gâteau s'il vous plaît ». Personne ne vient la voir. En m'approchant d'elle, j'ai aperçu un énorme tas de merde près de son fauteuil.	outubro domingo, 7 Agora venho vê-la aos domingos. Na TV, passa L'école des fans de Jacques Martin. Crianças cantam. Os velhos assistem. Quando entrei com minha mãe no quarto, um cheiro insuportável de fezes me sufocou. Sentamo-nos uma em frente à outra. A outra mulher guinchava como de costume: "um bolinho, por favor". Ninguém a visita. Ao me aproximar dela, vi um enorme monte de fezes perto de sua cadeira	outubro domingo, 7 Agora venho vê-la aos domingos. Na TV, passa <i>L'école des fans</i> de Jacques Martin. Crianças cantam. Os velhos assistem. Quando entrei com minha mãe no quarto, um cheiro insuportável de fezes me sufocou. Sentamo-nos uma em frente à outra. A outra mulher gritava, como de costume: "Um bolo, por favor". Ninguém vem visitá-la. Ao me aproximar dela, vi um enorme monte de fezes perto de sua cadeira.
La femme de service que j'appelle m'assure que ce n'est ni la vieille — qui a ses couches — ni ma mère qui ont fait cela. Il paraît qu'un vieux entre dans n'importe quelle chambre et fait sa commission par terre.	A funcionária que chamei garantiu que não foi nem a velha — que usa fraldas — nem minha mãe que fez aquilo. Parece que um velho entra em qualquer quarto e faz suas necessidades no chão.	A funcionária que chamei garantiu que não foi nem a velha, que usa fraldas, nem minha mãe que fez aquilo. Parece que um velho entra em qualquer quarto e faz suas necessidades no chão.
Encore cette fois, j'essaie d'entrer dans l'ascenseur, de le faire démarrer avant qu'elle m'ait	Mais uma vez, tento entrar no elevador e fazê-lo partir antes que ela me alcance e que as	Mais uma vez, tento entrar no elevador e fazê-lo partir antes que ela me alcance e que as

rejointe et que les portes se referment sur son visage. Cette douleur, tout le temps. Pourtant, à la pâtisserie du village, ce matin, une femme a envoyé une claque retentissante à une petite fille. L'enfant, humiliée, orgueilleuse, ne pleure pas. Visage fermé de la mère, dur. Cette scène me bouleverse, me rappelle ma mère me giflant pour un oui pour un non.	portas se fechem em seu rosto. Essa dor, o tempo todo. No entanto, na confeitaria da vila, hoje de manhã, uma mulher deu um tapa estrondoso numa menininha. A criança, humilhada e orgulhosa, não chorou. Rosto fechado da mãe, duro. Essa cena me abala, me lembra minha mãe me esbofeteando por qualquer coisa.	portas se fechem em seu rosto. Essa dor, o tempo todo. No entanto, na confeitaria da vila, hoje de manhã, uma mulher deu um tapa estrondoso numa menininha. A criança, humilhada e orgulhosa, não chorou. Rosto fechado da mãe, duro. Essa cena me comove, me lembra minha mãe me batendo por qualquer motivo.
vendredi 12 Je me souviens du temps où ma mère était chez moi, de septembre à février, de ma cruauté inconsciente (?), de mon refus absolu qu'elle devienne cette femme sans mémoire, apeurée, accrochée à moi comme une enfant. C'était pourtant moins horrible que maintenant. Elle avait des désirs, de l'agressivité.	sexta-feira, 12 Lembro do tempo em que minha mãe estava comigo, de setembro a fevereiro, da minha crueldade inconsciente (?), da minha recusa absoluta em deixá-la tornar-se aquela mulher sem memória, apavorada, agarrada a mim como uma criança. No entanto, aquilo era menos horrível do que agora. Ela ainda tinha desejos, agressividade.	sexta-feira, 12 Lembro do tempo em que minha mãe estava comigo, de setembro a fevereiro, da minha crueldade inconsciente (?), da minha recusa absoluta em deixá-la tornar-se aquela mulher sem memória, apavorada, agarrada a mim como uma criança. No entanto, era menos horrível do que agora. Ela tinha desejos, agressividade.
Pour la première fois, je me suis représenté clairement sa vie ici, en dehors de mes visites, les repas dans la salle, l'attente. Je me prépare des tonnes de culpabilité pour l'avenir. Mais la garder avec moi était cesser de vivre. Elle ou moi. Je me rappelle la dernière phrase qu'elle a écrite : « Je ne suis pas sortie de ma nuit. »	Pela primeira vez, imaginei com clareza sua vida ali, fora das minhas visitas — as refeições na sala, a espera. Estou acumulando toneladas de culpa para o futuro. Mas mantê-la comigo era deixar de viver. Ela ou eu. Lembro da última frase que ela escreveu: “Je ne suis pas sortie de ma nuit.”	Pela primeira vez, imaginei com clareza sua vida ali, fora das minhas visitas, as refeições na sala, a espera. Estou acumulando toneladas de culpa para o futuro. Mas mantê-la comigo era deixar de viver. Ela ou eu. Lembro da última frase que ela escreveu: “<i>Je ne suis pas sortie de ma nuit.</i>”
Répugnance à mettre des affaires qu'elle a laissées, sa liseuse, etc. Envie de les garder, comme dans un musée. Constamment, je compare le teint, les jambes des autres vieilles femmes à ceux de ma mère : savoir « où elle en est ».	Repulsa em usar as coisas que ela deixou, sua manta de leitura, etc. Vontade de guardá-las, como num museu. Constantemente comparo a pele, as pernas das outras velhas às da minha mãe: saber “em que ponto ela está”.	Repulsa em usar as coisas que ela deixou, sua manta de leitura, etc. Vontade de guardá-las, como num museu. Constantemente comparo a pele, as pernas das outras velhas às da minha mãe: saber “em que ponto ela está”.
vendredi 19	sexta-feira, 19	sexta-feira, 19

Souvenir du corset qu'elle portait, qui lui emprisonnait le bas du corps de dessous les seins jusqu'au milieu des fesses. J'apercevais la raie à travers les lacets croisés.	Lembro do espartilho que ela usava, que lhe envolvia o corpo desde abaixo dos seios até o meio das nádegas. Eu via a linha da nádega através dos cadarços cruzados.	Lembro do espartilho que ela usava, que lhe envolvia o corpo desde abaixo dos seios até o meio das nádegas. Eu via a linha da nádega através dos cadarços cruzados.
jeudi 23 Lu le Manuel des confesseurs, un vieux bouquin donné par A. Souvenir du regard de ma mère, quand j'étais enfant : elle, le confesseur.	quinta-feira, 23 Li o Manual dos Confessores, um livro antigo dado por A. Lembro do olhar da minha mãe, quando eu era criança: ela, o confessor.	quinta-feira, 23 Li o Manual dos Confessores, um livro antigo dado por A. Lembro do olhar da minha mãe, quando eu era criança: ela, o confessor.
dimanche 28 « Acolyte », un mot qu'elle aimait employer en parlant des compagnons de beuverie de certains clients. Montrer qu'elle connaissait des mots difficiles. C'est une femme qui n'a jamais supporté d'être humiliée.	domingo, 28 “Acolito”, uma palavra que ela gostava de usar ao falar dos companheiros de bebida de certos clientes. Para mostrar que conhecia palavras difíceis. Era uma mulher que nunca suportou ser humilhada.	domingo, 28 “Acolito”, uma palavra que ela gostava de usar ao falar dos companheiros de bebida de certos clientes. Para mostrar que conhecia palavras difíceis. Era uma mulher que nunca suportou ser humilhada.
Images de moi, à seize ans : les garçons, l'espérance de l'amour fou, continuelle. Et puis, elle, « garde-folle » : « Tu es trop jeune ! Tu as bien le temps ! » On n'a jamais le temps.	Imagens de mim aos dezesseis anos: os rapazes, a esperança de um amor louco, contínua. E ela, a “guardiã da loucura”: “Você é muito jovem! Ainda tem tempo!” Nunca se tem tempo.	Imagens de mim aos dezesseis anos: os rapazes, a esperança de um amor louco, contínua. E ela, a “guardiã da loucura”: “Você é muito jovem! Ainda tem tempo!” Nunca se tem tempo.
Écrire sur sa mère pose forcément le problème de l'écriture.	Escrever sobre a própria mãe levanta necessariamente a questão da escrita.	Escrever sobre a própria mãe levanta inevitavelmente a questão da escrita.
lundi 29 Elle est encore plus rétrécie, hagarde. On ne lui a mis que son tablier ouvert par-derrière, découvrant son dos, ses fesses, la culotte en résille. Il fait un soleil magnifique à travers les vitres à double vitrage. Je songe à ma chambre de la cité universitaire, il y a vingt ans. Maintenant, je suis ici, avec elle. On ne sait rien imaginer.	segunda-feira, 29 Ela está ainda mais encolhida, com olhar vazio. Vestiram-na apenas com o avental, aberto atrás, deixando à mostra suas costas, nádegas, a calcinha de tela. Um sol magnífico entra pelas janelas de vidro duplo. Penso no meu quarto da cidade universitária, vinte anos atrás. Agora estou aqui, com ela. Não conseguimos imaginar nada.	segunda-feira, 29 Ela está ainda mais encolhida, abatida. Só lhe colocaram o avental aberto por trás, deixando à mostra as costas, as nádegas, a calcinha de rede. Um sol magnífico entra pelas janelas de vidro duplo. Penso no meu quarto da cidade universitária, vinte anos atrás. Agora estou aqui, com ela. Não conseguimos imaginar nada.

La petite vieille a voulu aller aux chiottes, sur ses jambes minuscules, tortes, toujours glapissante. Elle y est restée longtemps, pendant que j'étais à côté de ma mère. Je me suis souvenue d'une crise d'entérite que j'avais eue en classe de seconde, je lisais La nausée. Comme cette petite vieille, je me recroquevillais autour de mon ventre douloureux. C'était un mois de février plein de soleil et froid.	A velhinha quis ir ao banheiro, com suas pernas minúsculas e tortas, sempre guinchando. Ficou lá muito tempo, enquanto eu estava ao lado da minha mãe. Lembrei de uma crise de gastroenterite que tive no segundo ano do ensino médio, quando lia A náusea. Como aquela velhinha, eu me encolhia ao redor da minha barriga dolorida. Era um mês de fevereiro ensolarado e frio.	A velhinha quis ir ao banheiro, com suas pernas minúsculas e tortas, sempre gritando. Ficou lá muito tempo, enquanto eu estava ao lado da minha mãe. Lembrei de uma crise de gastroenterite que tive no segundo ano do ensino médio, quando lia A náusea. Como aquela velhinha, eu me encolhia em torno da minha barriga dolorida. Era um mês de fevereiro cheio de sol e frio.
mercredi 31 Je pense beaucoup à elle en ce moment, parce que cela fait un an que « les choses se passaient », c'est-à-dire que commençait vraiment la dégradation.	quarta-feira, 31 Tenho pensado muito nela ultimamente, porque faz um ano que “as coisas aconteceram”, isto é, que começou realmente a degradação.	quarta-feira, 31 Tenho pensado muito nela ultimamente, porque faz um ano que “as coisas aconteceram”, isto é, que começou realmente a degradação.
J'ai rêvé de cette maison de Cergy, devenue domaine public (très fréquent). Une femme de ménage traversait le jardin, en imper (double de ma mère ?). Celle-ci apparaissait et je lui disais : « Arrête d'être folle ! »	Sonhei com a casa de Cergy, transformada em espaço público (sonho recorrente). Uma faxineira cruzava o jardim, de capa de chuva (duplo da minha mãe?). Ela então aparecia e eu dizia: “Pare de ser louca!”	Sonhei com a casa de Cergy, ela se transformou em espaço público (muito frequente). Uma empregada doméstica cruzava o jardim, de capa de chuva (sósia da minha mãe?). Ela então aparecia e eu dizia: “Pare de ser louca!”
Souvenir : le cousin de ma mère, charcutier près de Rouen, lui disait en riant : « Je vais vous fouetter sous la chemise ! »	Lembrança: o primo da minha mãe, charcuteiro perto de Rouen, dizia a ela rindo: “Vou te chicotear por baixo da camisa!”	Lembrança: o primo da minha mãe, charcuteiro perto de Rouen, dizia a ela rindo: “Vou te chicotear por baixo da camisa!”
novembre dimanche 4 La petite vieille de la chambre de ma mère se met à uriner debout derrière son lit au moment où j'arrive, puis elle pleure : « J'ai fait pipi. » Dans la salle à manger une femme chante continuellement ce qu'elle est en train de faire, à la	novembro domingo, 4 A velhinha do quarto da minha mãe começa a urinar em pé atrás da cama no momento em que chego, depois chora: “Fiz xixi.” No refeitório, uma mulher canta continuamente o que está	novembro domingo, 4 A velhinha do quarto da minha mãe começa a urinar em pé atrás da cama no momento em que chego, depois chora: “Fiz xixi.” Na sala de jantar, uma mulher

troisième personne : « Elle range du linge la la la. » Toutes ces chairs blanches.	fazendo, na terceira pessoa: “Ela está guardando as roupas lalala.” Toda essa carne branca.	canta continuamente o que está fazendo, na terceira pessoa: “Ela está guardando as roupas lalala.” Toda essa carne branca.
samedi 24 J’ai envie de tuer la petite vieille de la chambre de ma mère, toujours à crier d’une façon suraiguë. J’ai acheté des chaussons pour ma mère, en expliquant au marchand que j’avais besoin de plusieurs paires, pour les essayer. Sa mère aussi est atteinte de la maladie d’Alzheimer, il en parle à voix basse, il a honte. Tout le monde a honte.	sábado, 24 Tenho vontade de matar a velhinha do quarto da minha mãe, sempre gritando em um tom agudo. Comprei chinelos para minha mãe, explicando ao vendedor que precisava de vários pares para experimentar. A mãe dele também tem Alzheimer, ele fala em voz baixa, tem vergonha. Todo mundo tem vergonha.	sábado, 24 Tenho vontade de matar a velhinha do quarto da minha mãe, sempre gritando de forma estridente. Comprei chinelos para minha mãe, explicando ao vendedor que precisava de vários pares para experimentar. A mãe dele também tem Alzheimer, ele fala em voz baixa, tem vergonha. Todo mundo tem vergonha.
Je l’ai rasée, lui ai coupé les ongles. Nous avons essayé les chaussons. Elle était comme terrorisée, peur que je la gronde parce qu’elle ne comprenait pas mes paroles, « enfonce ton pied, etc. ».	Fiz a barba dela, cortei suas unhas. Experimentamos os chinelos. Ela parecia aterrorizada, com medo de que eu brigasse com ela por não entender o que eu dizia: “coloque o pé, etc.”	Fiz a barba dela, cortei suas unhas. Experimentamos os chinelos. Ela parecia aterrorizada, com medo de que eu brigasse com ela por não entender o que eu dizia: “coloque o pé, etc.”
C’est par cela, la maladie de ma mère, puis la rencontre de A., que j’ai renoué avec l’humanité, la chair, la douleur.	Foi por isso — a doença da minha mãe — e pelo encontro com A., que reencontrei a humanidade, a carne, a dor.	Foi por isso, pela doença da minha mãe e depois pelo encontro com A., que me reconectei com a humanidade, a carne, a dor.
Image persistante : une grande fenêtre ouverte, une femme – moi dédoublée – regarde le paysage. Un paysage ensoleillé d’avril, qui est l’enfance. Elle est devant une fenêtre ouverte sur l’enfance.	Imagem persistente: uma grande janela aberta, uma mulher — eu desdobrada — olha a paisagem. Uma paisagem ensolarada de abril, que é a infância. Ela está diante de uma janela aberta sobre a infância.	Imagem persistente: uma grande janela aberta, uma mulher, eu duplicada, olha a paisagem. Uma paisagem ensolarada de abril, que é a infância. Ela está diante de uma janela aberta sobre a infância.
Cette vision me fait toujours penser à un tableau de Dorothea Tanning, Anniversaire. On voit une femme aux seins nus et derrière elle des portes ouvertes à l’infini.	Essa visão sempre me faz pensar numa pintura de Dorothea Tanning, Aniversário. Vê-se uma mulher de seios nus e, atrás dela, portas abertas ao infinito.	Essa visão sempre me faz pensar numa pintura de Dorothea Tanning, Aniversário. Vemos uma mulher com os seios nus e, atrás dela, portas abertas para o infinito.
décembre	dezembro	dezembro

dimanche 2 Ma mère a une sorte d'ombre noire sur son visage. C'est celle – je m'en souviens maintenant – des vieux devant lesquels nous allions avec le pensionnat brailler des cantiques, quelques jours avant Noël. Elle refuse de s'asseoir et s'effondre dans mes bras.	domingo, 2 Minha mãe tem uma espécie de sombra negra no rosto. É a mesma — agora me lembro — dos velhos diante dos quais íamos com o internato cantar hinos alguns dias antes do Natal. Ela se recusa a se sentar e desaba nos meus braços.	domingo, 2 Minha mãe tem uma espécie de sombra escura no rosto. É a mesma, agora me lembro, dos velhos diante dos quais íamos com o internato cantar hinos alguns dias antes do Natal. Ela se recusa a se sentar e desaba nos meus braços.
Souvent, elle parle des morts comme s'ils étaient vivants mais elle ne parle jamais de mon père.	Muitas vezes, fala dos mortos como se estivessem vivos, mas nunca fala do meu pai.	Muitas vezes, fala dos mortos como se estivessem vivos, mas nunca fala do meu pai.
dimanche 9 Il y a des pendules partout, dans l'entrée, la salle, les chambres, aucune n'est à l'heure, six heures au lieu de quatre, etc. Le font-ils exprès ?	domingo, 9 Há relógios por toda parte — na entrada, na sala, nos quartos — nenhum marca a hora certa, seis horas no lugar de quatro, etc. Fazem isso de propósito?	domingo, 9 Há relógios por toda parte. Na entrada, na sala, nos quartos, nenhum marca a hora certa, seis horas no lugar de quatro, etc. Fazem isso de propósito?
Ma mère devient décolorée. Vieillir, c'est se décolorer, être transparent. Zacharie le chat est aussi sans couleur, à douze ans. Aujourd'hui, elle s' imagine qu'il y a des gens dans la chambre : « T'occupe pas, ce sont des clients, ils vont partir dans cinq minutes, il y en a la moitié qui ne paie pas. » Ses paroles d'autrefois, notre vie.	Minha mãe está ficando desbotada. Envelhecer é perder a cor, tornar-se transparente. Zacharie, o gato, também já está sem cor, aos doze anos. Hoje, ela imaginava que havia pessoas no quarto: “Não liga, são clientes, vão embora em cinco minutos, metade nem paga.” Palavras de antigamente, a nossa vida.	Minha mãe está ficando descolorida. Envelhecer é descolorir, tornar-se transparente. Zacharie, o gato, também já está sem cor, aos doze anos. Hoje, ela imaginava que havia pessoas no quarto: “Não liga, são clientes, vão embora em cinco minutos, metade nem paga.” Palavras de antigamente, a nossa vida.
La petite vieille d'à côté est partie, ses placards sont vides. Je n'ose pas encore demander où elle est.	A velhinha do lado se foi, os armários estão vazios. Ainda não tenho coragem de perguntar para onde ela foi.	A velhinha que morava ao lado se mudou, seus armários estão vazios. Ainda não ousou perguntar onde ela está.
Noël Quand j'ai eu le prix Renaudot, elle disait de moi aux infirmières (elles viennent de me le rapporter) : « Elle a toujours eu une aisance de parole. » Puis : « Si son père le savait, il le dirait à tout le monde. Il	Natal Quando ganhei o prêmio Renaudot, ela dizia às enfermeiras (elas vieram me contar): “Ela sempre teve facilidade com as palavras.” Depois: “Se o pai dela soubesse,	Natal Quando ganhei o prêmio Renaudot, ela dizia às enfermeiras (elas vieram me contar): “Ela sempre teve facilidade com as palavras.” Depois: “Se o pai dela

a toujours été à ses genoux ! »	contaria para todo mundo. Ele sempre foi aos pés dela!”	soubesse, contaria para todo mundo. Ele sempre foi aos pés dela!”
Je lui ai coupé les ongles, elle gémissait, alors que je prends toutes les précautions pour ne pas lui faire mal. Je me sens sadique, comme elle l’était autrefois à mon égard. Elle me hait encore.	Cortei suas unhas, ela gemia, mesmo eu tendo todo o cuidado para não machucá-la. Sinto-me sádica, como ela era comigo antigamente. Ela ainda me odeia.	Cortei suas unhas, ela gemia, mesmo eu tendo todo o cuidado para não machucá-la. Sinto-me sádica, como ela era comigo antigamente. Ela ainda me odeia.
Souvenir : elle disait « je n’ai jamais rien demandé à personne ».	Lembrança: ela dizia “nunca pedi nada a ninguém”.	Lembrança: ela dizia “nunca pedi nada a ninguém”.
lundi 31 Elle m’a dit : « Ils ne parlent pas de départ. Je me demande si je partirai un jour. Je resterai peut-être... » Elle s’est arrêtée, sans prononcer « jusqu’à ma mort ». C’était le sens. Cela déchire. Elle est vivante, avec des projets, des désirs encore. Elle ne veut que vivre. J’ai besoin aussi qu’elle soit vivante.	segunda-feira, 31 Ela me disse: “Eles não falam em partida. Me pergunto se um dia irei embora. Talvez eu fique...” Ela parou, sem dizer “até a minha morte”. Mas era esse o sentido. Isso dilacera. Ela está viva, com projetos, ainda com desejos. Ela só quer viver. Eu também preciso que ela esteja viva.	segunda-feira, 31 Ela me disse: “Eles não falam em partida. Me pergunto se um dia irei embora. Talvez eu fique...” Ela parou, sem dizer “até a minha morte”. Mas era esse o sentido. Isso dilacera. Ela está viva, com projetos, ainda com desejos. Ela só quer viver. Eu também preciso que ela esteja viva.
À un moment : « Claude ne vient pas voir sa mère. Pourtant, elle n’est pas loin, elle habite Sainte-Marie. » Après un silence, elle ajoute : « Il faut qu’elle ait perdu la tête. » Transposition qui me culpabilise, Claude = moi, Claude, le fils unique de Marie-Louise, tous deux morts, alcooliques.	Em certo momento: “Claude não vem ver a mãe dele. No entanto, ela mora perto, em Sainte-Marie.” Após um silêncio, ela acrescenta: “Ela deve ter perdido o juízo.” Transposição que me faz sentir culpada — Claude = eu, Claude, o filho único de Marie-Louise, ambos mortos, alcoólatras.	Em certo momento: “Claude não vem ver a mãe dele. No entanto, ela mora perto, em Sainte-Marie.” Após um silêncio, ela acrescenta: “Ela deve ter perdido o juízo.” Transposição que me faz sentir culpada - Claude = eu, Claude, o filho único de Marie-Louise, ambos mortos, alcoólatras.
Lu dans Le Monde ce matin un article sur la maternité et la stérilité. Le besoin d’enfant est besoin de morbidité.	Li hoje de manhã no <i>Le Monde</i> um artigo sobre maternidade e esterilidade. A necessidade de ter um filho é uma necessidade de morbidez.	Li hoje de manhã no <i>Le Monde</i> um artigo sobre maternidade e esterilidade. A necessidade de ter um filho é uma necessidade de morbidez.